

5

BARBARA CARTLAND

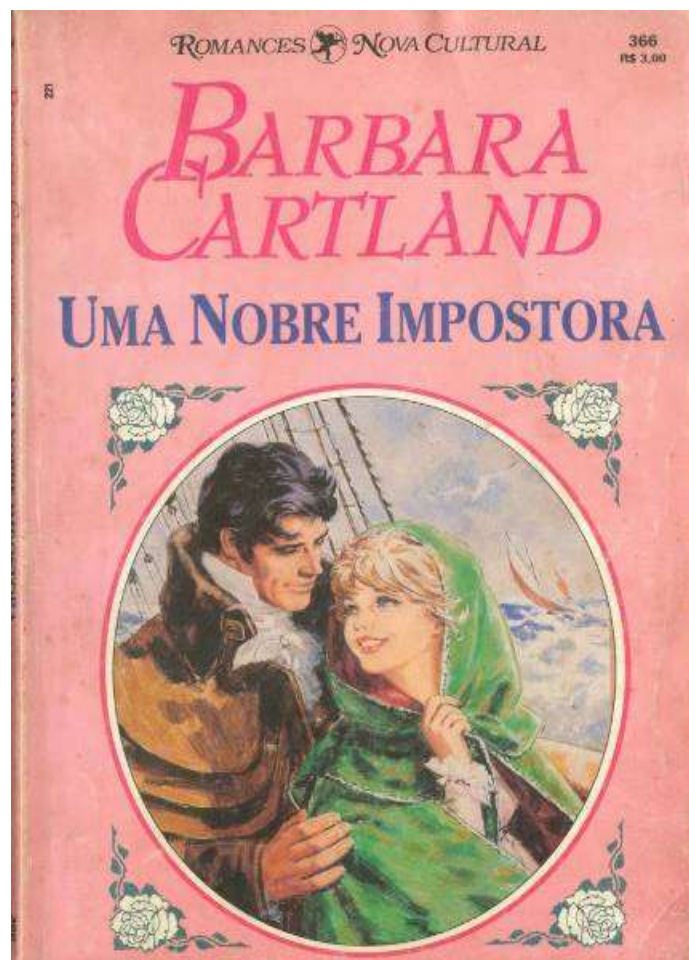
UMA NOBRE IMPOSTORA





Uma Nobre Impostora

The prince is saved
Barbara Cartland



Um amor nascido de uma mentira...

Miriam não titubeia em embarcar no luxuoso iate do duque Ivan de Dunstead com identidade falsa. Para salvar a prima de um casamento arranjado, ela aceita fazer a viagem até Saionga e conhecer o príncipe que será seu futuro marido. Miriam planeja contar a verdade ao duque e ao enviado do príncipe apenas no momento de desembarcar.

Mas durante a viagem ela se apaixona por Ivan. O que fazer? Será que se revelar seus sentimentos o duque acreditará que Miriam está falando a verdade, ou julgará que é apenas mais uma mentira de uma nobre impostora?



Digitalização:

Revisão: Ferrari



Barbara Cartland

A mais famosa autora de romances históricos, com 600 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

NOTA DA AUTORA

Alguém disse, uma vez, que quarenta por cento da população inglesa descobriria, se consultasse sua árvore genealógica, que corria sangue azul em suas veias.

Eu descobri recentemente que minha avó, Flora Falkner, que foi casada com meu avô, James Cartland, era uma descendente direta de Robert The Bruce, que foi rei da Escócia em 1306.

Minha bisavó por parte de mãe foi uma Hamilton e descendente dos duques de Hamilton. O quinto conde se casou com a princesa Margaret da Inglaterra, filha de Henrique VII, que foi rainha de James IV da Escócia.

A rainha Victória se tornou conhecida como a "casamenteira" da Europa.

Conforme eu menciono neste romance, a única maneira de se salvar os principados dos Balcãs era através do casamento dos governantes com noivas ou noivos ingleses.

Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.

Título original: The prince is saved

Copyright: © 1994 by Barbara Cartland

Tradução: Nancy de Pieri Mielli

EDITORA NOVA CULTURAL
uma divisão do Círculo do Livro Ltda.

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 9º andar
CEP 01410-901 - São Paulo - SP – Brasil

Copyright para língua portuguesa: 1995

CÍRCULO DO LIVRO LTDA.
Fotocomposição: Círculo do Livro
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO 1

1878

Miriam terminou de semear um canteiro do seu lindo e extenso jardim e se preparou para almoçar.

Realmente gostava de cuidar das flores assim como fazia sua mãe quando ainda era viva. O pai, no entanto, por ser ocupado demais, sequer notava sua dedicação e capricho. Para ele, talvez, fosse uma questão de costume ver as flores sempre viçosas, como nos tempos de sua amada esposa. Nunca deveria ter parado para pensar que se elas continuavam bonitas, era graças à sua única filha.

No vicariato o movimento era sempre intenso, ao contrário do que acontecia na maioria das casas da aldeia. Mulheres chegavam a todo o instante para pedir que seus bebês fossem batizados, ou então para serem benzidos e tratados, caso estivessem doentes.

Havia um canteiro com diversos tipos de ervas, que sua mãe havia cultivado, e que serviam para remédios e chás para inúmeros males.

Sua mãe contribuía muito com a assistência social à aldeia, ajudando a cuidar principalmente da saúde de suas crianças. O que lhe dera mais fama, porém, entre todos os remédios, fora sua pomada cicatrizante.

Agora, todos esperavam que Miriam seguisse seus passos, uma vez que não podiam contar com mais ninguém.

Com sua boa vontade, Miriam havia aprendido muito com a mãe e também através dos livros. Interessava-se particularmente pela medicina natural, cujos efeitos eram alcançados através dos componentes das frutas e vegetais.

Naquele dia seu pai havia saído para atender uma senhora acometida de uma doença crônica, que morava a cerca de cinco quilômetros de distância. De todos os habitantes do lugar era ela quem mais o chamava, e sempre que isso acontecia, segurava-o durante horas com suas conversas.

O vicariato era uma construção muito bonita e singela, e pertencia ao condado Linwoode há mais de dois séculos.

A mansão da família, entretanto, que fora construída pelo primeiro conde de Linwoode, já contava com quatrocentos anos de idade.

Presentemente, era o nono conde, tio de Miriam, o proprietário geral. Um homem bom e empreendedor que não apenas contribuía para a boa conservação da propriedade, como também aumentara seus estúbulos.

Como cavaleiro brilhante que era, seus cavalos invariavelmente eram os vencedores nas corridas locais ponto a ponto e também naquelas que incluíam saltos em obstáculos.

O conde tinha muito orgulho de sua linhagem e, ao contrário do seu pai, gostava de frequentar a corte, onde havia se tornado um dos amigos favoritos da rainha Victória, que não ocultava sua inclinação por homens bonitos.

A família Linwoode, na verdade, havia produzido vários. O conde anterior, por exemplo, além de atraente, dedicara-se a preservar os costumes que herdara juntamente com o título. Casou-se com a princesa Sofia da Noruega, ainda jovem, e com ela viveu como se fossem rei e rainha, pelas suas regras de conduta.

Seu primogênito, o visconde Linn, destinado a herdar o título da família, recebeu uma educação esmerada. Ao concluir a faculdade, serviu por alguns anos na Cavalaria Real, de onde foi chamado graças a seu sangue azul, aparência e distinção, para atender Sua Majestade, a rainha Victória, no Castelo de Windsor.

Através dos anos, acumulou várias funções importantes, sendo que a última lhe deu o título de Mestre da Cavalaria.

Seu irmão, o honorável Alexander Woode, que optou por servir o exército, galgou várias posições até chegar a general.

Ao terceiro filho, conforme a tradição, foi oferecida uma escolha entre as várias paróquias existentes na propriedade. Foi assim que o honorável Christopher Woode se tornou o vigário de Littlegrove, que era o nome da aldeia onde se erguia a mansão ancestral.

Foi inevitável que o vigário recebesse um apelido. Era conhecido por todos como "o pastor galopante", tanto era sua predileção pelos cavalos. Mas, além de galopar e cuidar muito bem de seus soberbos animais, ele era muito estimado e respeitado pela comunidade pelo préstimo de serviços extraordinários.

Sua única decepção na vida era não ter gerado um filho, nem ganho um sobrinho, pois assim como ele, seus irmãos só tinham filhas. O mais velho se preocupava muito com esse fato. Depois de ter três filhas, sua esposa não se sentia mais em condições de enfrentar uma outra gravidez.

Enquanto ele vivesse não haveria problema, mas após sua morte a propriedade passaria a pertencer a um primo distante, de quem ninguém gostava.

O pastor, contudo, sentia-se muito feliz por ter ganho uma filha tão bonita e inteligente como Miriam, com quem conversava todas as noites a respeito dos mais variados assuntos e livros.

Naquela noite, em especial, Miriam estava pensando em discutir com o pai sobre um novo livro de astronomia que fora anunciado no jornal, e que lhe despertara tanto interesse que o encomendara no mesmo dia na biblioteca da cidade mais próxima.

Ele havia chegado pela manhã, assim que seu pai saía. Animada com a perspectiva, Miriam estava lavando as mãos para almoçar, quando ouviu um ruído de rodas que a levou a correr para a janela.

Para sua surpresa era a carruagem de sua prima Charlotte, a mais velha e mais linda das três filhas do conde, que deveria estar em Londres para a temporada.

Charlotte, Miriam sabia, era convidada para todas as festas e bailes da sociedade londrina, e nessa época do ano sempre se transferia para a residência do pai, em Berkeley Square.

Com passos rápidos dirigiu-se ao hall para recebê-la.

— Charlotte! Pensei que estivesse em Londres!

— Eu estava, mas voltei para cá especialmente para vê-la. Preciso muito de sua ajuda.

Miriam levou a prima até a sala de estar e indicou o sofá junto à janela que dava para o jardim, para que ambas pudessem se sentar bem próximas.

— O que houve? Algum problema?

— Se quer saber realmente, estou desesperada. Só você pode me ajudar.

— Só um momento para que eu avise Beckwith de sua chegada. Enquanto terminam de preparar o almoço, você me contará o que está acontecendo.

Charlotte não respondeu, mas Miriam adivinhou, por sua expressão, que ela estava de acordo.

Beckwith, que trabalhava com a família há anos, ouviu atentamente a ordem.

— Está bem, Srta. Miriam. Vou avisar a cozinheira agora mesmo para esperar mais alguns minutos para servir o almoço e para arrumar mais um lugar à mesa.

Miriam agradeceu e voltou para a sala onde a prima examinava seu reflexo no espelho colocado sobre a lareira.

Não pôde deixar de pensar no quanto Charlotte era linda. Não lhe parecia motivo de surpresa ela ser tão requisitada nos bailes e recepções.

Apesar de igualmente jovens e parecidas de corpo e rosto, ambas eram muito diferentes. Enquanto Charlotte era dona de uma grande fortuna, Miriam não tinha quase nada, mas seu coração era tão grande que nunca sofrerá ciúme.

Na verdade, Miriam era um ano mais velha do que Charlotte, e preferia a vida do campo ao mundo social.

O tio insistira muito por sua presença durante a temporada do ano anterior. Miriam viajou para Londres e se hospedou em Berkeley Square por várias semanas. Participou de festas e bailes e divertiu-se muito, mas sua felicidade foi ainda maior quando voltou para junto do pai.

— Confesso que estou grata pelo término da temporada. Acho-o muito mais interessante, papai, do que todos os rapazes com quem dancei que pareciam não ter cérebro!

— Geralmente eles se tornam mais sábios com a idade. De qualquer forma, obrigado pelo elogio, embora eu tenha certeza de que está exagerando. Vai me enganar que não se sentiu lisonjeada com os três ou quatro pedidos de casamento que recebeu?

Os dois riram.

— Gostaria que você tivesse visto os rapazes que me fizeram as propostas! Todos estavam ávidos por dinheiro. Os tolos julgaram-me rica, só porque sou membro da família Linwoode, e porque estava acompanhada pela tia Edith.

Tia Edith era uma das mulheres mais importantes da família, tendo recebido o título de marquesa ao se casar. Fora uma honra para o pastor e sua filha recebê-la, vinda do norte da Inglaterra, especialmente para o debut de Miriam.

— A temporada foi muito excitante no início — Miriam confidenciou —, mas logo se tornou monótona. Todos os rapazes pareciam ter decorado suas falas diante do espelho dos seus quartos. Suas palavras eram exatamente as mesmas; os elogios também os mesmos.

O pastor riu do comentário, mas se fosse sincero consigo mesmo diria que estava satisfeito, pois não tinha o menor desejo de perder sua adorada filha. Era maravilhoso tê-la de volta em Littlegrove.

Por essa razão, Miriam não sentiu a menor inveja de Charlotte quando esta partiu para Londres, e até se sentiu aliviada por não ter sido convidada a acompanhá-la.

Enquanto a prima estivesse exibindo seus lindos vestidos no Beau Monde, ela poderia montar em qualquer um dos excelentes cavalos do tio e passear por toda a propriedade Linwoode, e, à noite, conversar com o pai sobre algum livro novo.

Ao fechar a porta da sala, para que pudessem conversar mais à vontade, Miriam cogitou qual seria o assunto importante que trouxera Charlotte à sua presença tão inesperadamente, quando a temporada de bailes em Londres ainda não havia terminado.

Charlotte, que estava distraída olhando para o jardim, voltou-se ao ouvir o ruído da porta.

— Conte-me! — Miriam pediu. — O que aconteceu em Londres para você vir aqui me procurar?

— Estou desesperada — Charlotte respondeu, as mãos agitadas. — Rezei durante todo o trajeto para você estar em condição de me ajudar.

— Vamos começar do princípio — Miriam tentou acalmar a prima. — Por quê está tão perturbada?

— Porque tenho todas as razões do mundo para isso — Charlotte respondeu. — Sempre soube que papai tinha planos ambiciosos para mim, devido a falta de um filho,

mas nunca imaginei, nem em meus piores pesadelos, que ele fosse me obrigar a fazer o que está exigindo agora.

— Sempre existe uma solução para tudo — Miriam procurou não se afligir. Era esse o procedimento que seu pai lhe ensinara, não apenas para si, como também para acalmar todos os paroquianos que vinham à sua procura com problemas que lhes pareciam tragédias.

Ninguém, no entanto, que visse Charlotte tão bela em seu vestido novo e elegante, com um chapéu enfeitado com flores de seda, diria que ela tinha problemas.

Como se lesse o pensamento da prima, Charlotte tirou o chapéu e jogou-o no chão.

— Você disse que eu comesse do princípio. Muito bem. Sabe que meu pai sempre desejou que eu me casasse com um nobre, embora nunca falasse abertamente sobre o assunto.

— Todos nós estamos cientes de que seu pai queria que você nascesse homem para dar continuidade a seu título.

— Sim — Charlotte admitiu. — Mas como não sou um rapaz, ele pôs na cabeça, há muito tempo, que eu deveria me casar com alguém que me desse um título.

Miriam arregalou os olhos. Entendia, agora, porque a pobre prima estava tão nervosa. Como as primas Violet e Elizabeth ainda eram muito novas, Charlotte, aos dezoito anos, seria o primeiro alvo das ambições do conde.

— Com quem ele quer que você se case?

Charlotte encarou a prima.

— Não estou surpresa com a pergunta. E exatamente isso que meu pai quer de mim, ou melhor. O que ele quer é um neto de quem possa sentir orgulho.

O vigário havia comentado esse assunto várias vezes com Miriam. Desde que soubera do destino da prima, portanto, ela passara a rezar todas as noites para que Charlotte se apaixonasse pelo homem que deveria se tornar seu marido.

Seu pai sabia o quanto ela temia casamentos arranjados.

— Acho-os horríveis!

— Concordo com você — ele dissera —, embora tenha visto casos em que os casamentos foram perfeitos. Veja o caso da rainha, por exemplo.

Era verdade. Ninguém sofrerá mais a perda do marido do que a rainha após o falecimento do príncipe Albert.

— Com quem o tio Edward quer que você se case? — Miriam repetiu a pergunta.

— Com o príncipe Nikita de Saionga — Charlotte respondeu com voz fúnebre.

— Nunca ouvi falar — Miriam estranhou. — Quem é ele e onde você o conheceu?

— Nunca o vi em minha vida — Charlotte replicou. — Imagine meu desespero ao receber ordens explícitas para ir a Saionga. Meu pai e a rainha já tem todos os planos traçados e atados em uma fita azul.

— Não entendo — Miriam confessou. — O que significa isso de "fita azul"?

— Lembra-se do fato acontecido no ano passado quando o exército russo se aproximou de Constantinopla? — Charlotte indagou, com um suspiro.

— Sim, eu me lembro.

Ela e o pai haviam discutido o caso com frequência. Eles, como muitas outras pessoas, haviam se admirado dos russos terem recebido permissão para se aproximarem de Constantinopla sem que os ingleses protestassem. Soube-se, mais tarde, que os russos estavam determinados a construir um grande império no local, assim como os alemães haviam feito por toda a Europa. Dessa forma, cada um dos pequenos principados estavam sendo engolidos pela grande nação, um por um.

Ao que tudo indicava, apenas a rainha Victória estava a par do perigo daquele avanço.

Os outros países do continente pareciam não dar importância ao Grão-Duque Nicholas, irmão do czar. O exército russo era mal organizado e corrupto, e o grão-duque um homem fraco.

Ninguém acreditava realmente que o avanço fosse constituir perigo, em especial depois da perda de cento e vinte cinco mil soldados inimigos.

Foi só quando esse exército alcançou Adrianopla, a noventa quilômetros de Constantinopla, que a rainha finalmente conseguiu convencer os políticos britânicos da necessidade de intervenção.

Sua luta pela supremacia britânica no mundo vinha se estendendo por meses. Em uma ocasião, ela chegou a ameaçar o gabinete de que abdicaria do trono, caso não tivesse respaldo.

Foram as seguintes as palavras escritas ao Sr. Disraeli:

"Se a Inglaterra deve beijar os pés da Rússia, a rainha prefere abdicar da coroa a se juntar a um povo humilhado".

"Oh! Se eu fosse um rei, e não uma rainha, venceria os horríveis russos, em cuja palavra não se pode confiar."

Ao constatar o perigo, por fim, o gabinete ordenou que os seis navios de guerra aportados, na Baía de Besika se dirigissem a Dardanelles.

Miriam se lembrava de que a simples presença da armada britânica fora suficiente para intimidar o Grão-Duque Nicholas, que se recusou categoricamente a continuar avançando.

Recebesse ordens diretas do irmão para ocupar Constantinopla, ele teria seguido em frente, mas o czar também estava apreensivo e demorou a dar ordens para o ataque.

Como os ingleses haviam despertado para o perigo e avisado para que as tropas estacionadas na Índia se dirigissem a Malta, os russos sofreram grandes perdas. Mas, apesar do pouco dinheiro disponível e do exército cansado, os políticos ambiciosos de St. Petersburg não queriam perder a esperança de dominar os Bálcãs.

A tática era infiltrarem-se nos pequenos principados e provocarem confusões. Então, ao menor sinal de uma revolução civil, eles se ofereciam para "restaurar a paz".

Nessa época, todos os príncipes e reis europeus se deram conta da importância da Grã-Bretanha e passaram a implorar para que a rainha Victória lhes concedesse noivas. Uma política que traria sucesso a muitos nobres obscuros, sem dúvida.

Dessa forma, a rainha começou a ser visitada por uma avalanche de embaixadores.

Miriam e o pai não escondiam um do outro o quanto lhes causava assombro aquele modo de se garantir a paz em um determinado lugar.

Todas essas lembranças passaram pela mente de Miriam, antes de ela se resolver a prosseguir com a conversa.

— E o que a rainha quer que você faça?

— Sim. Ela falou com meu pai e tornou-o o homem mais feliz do mundo pela possibilidade de me ver casada com um príncipe.

— O que eu suponho você não deseja.

— Lógico que não! Acha que poderei ser feliz vivendo longe da Inglaterra, casada com um estranho com quem não poderei me comunicar?

Miriam reconheceu o quanto a prima estava certa. Ela havia aprendido vários idiomas com a ajuda do pai. Charlotte, contudo, havia sido educada por professoras particulares e aprendido apenas algumas palavras básicas de francês.

— O quê, exatamente, o tio Edward está planejando?

— Um enviado especial, o barão Korsakov, chegou de Saionga há uma semana, implorando que a rainha enviasse ao príncipe Nikita uma noiva que pudesse não apenas impedir que os russos dominassem seu país, mas também garantir o acesso ao Mar Egeu e Mediterrâneo.

— Miriam não se conformava com o que o tio estava tentando fazer com Charlotte. Ela ainda era muito criança em suas atitudes. Como ele tinha coragem de obrigá-la a se casar com um homem que sequer conhecia?

— O que você pretende fazer a respeito? — Miriam indagou.

— Você ficará surpresa, mas eu pretendo me casar com John Stephens.

— Tio Edward jamais dará seu consentimento!

— Eu sei, e é por isso que tenho de fugir para me casar.

— Mas você está de partida!

— A qualquer momento. O Sr. Korsakov disse a papai que os russos estão se infiltrando em Saionga, disfarçados, e provocando rebeliões contra o príncipe.

— O que quer que eu faça? — Miriam perguntou baixinho.

— Conversei com Johnnie e ele tem certeza de que poderemos nos casar, antes que seja tarde demais, caso eu consiga fugir imediatamente.

Miriam prendeu o fôlego. A situação era perigosa. Ela conhecia John Stephens, o filho do proprietário cujas terras eram vizinhas às suas, ao norte. Charlotte deveria tê-lo encontrado em uma de suas cavalgadas matinais e se apaixonado por ele.

— Você realmente ama John ou só o quer para escapar de um casamento com um príncipe que nunca viu?

— Amo John desde que éramos crianças.

Miriam sorriu.

— Desde aquele tempo?

— E ele também — Charlotte retorquiu. — Só não me pediu em casamento antes porque queria que eu debutasse e tivesse certeza de que ele era mais importante do que qualquer outro homem que eu viesse a conhecer em Londres.

— Isso aconteceu?

— Oh, sim. Eu amo John com todo o meu coração. Nunca poderia amar outro com a mesma intensidade.

— Não quero nem pensar no que tio Edward irá dizer.

John era um cavalheiro, isso ninguém podia negar, e seu pai um grande fazendeiro. Sua propriedade estava na família há um século e era muito bem cuidada, embora não se comparasse em tamanho e importância à casa dos Linwoode.

Charlotte estendeu a mão e apertou a da prima.

— Preciso que finja ser eu até que me case e saia da Inglaterra.

— Fingir ser você?

— Não será difícil — Charlotte respondeu, esperançosa. — Johnnie e eu já planejamos tudo. Papai quer que eu viaje depois de amanhã, porque minha chegada em Saionga é extremamente urgente.

— Tão rápido!

— O plano é deter os russos no que se refere ao fomento de novas manifestações — Charlotte explicou. — Dessa forma, eu viajaria para Saionga em segredo e seria apresentada ao povo, pela imprensa, no dia de minha chegada, como uma mensageira especial de Sua Majestade. Os russos levariam um choque, pois minha presença naquele país significaria, mesmo que não houvesse casamento, a proteção inglesa.

Miriam estava atenta, mas não tecia nenhum comentário.

— O plano feito no Castelo de Windsor é que eu seja levada como visita para Saionga, pelo duque de Dunstead, em seu iate. Depois, quando estiver sã e salva no palácio, o noivado com o príncipe será anunciado à Nação.

— Quer dizer que não viajará em um navio de guerra?

— Esse é o ponto mais importante. Se eu seguisse em um navio de guerra, os russos obrigariam o príncipe a abdicar antes de minha chegada.

— Então você e o duque fingirão serão pessoas comuns?

— Comuns, mas importantes — Charlotte respondeu. — O duque de Dunstead é muito conhecido e respeitado em St. Petersburg. Eu serei sua convidada juntamente com o enviado do príncipe e sua esposa.

— Viajaria sem uma acompanhante?

— A esposa do barão faria esse papel. — Charlotte se deteve e olhou suplicante para Miriam. — Por favor Miriam, preciso que vá em meu lugar.

— De que jeito? Tio Edward, sem dúvida, irá se despedir no momento da partida.

— Eu também pensei nesse problema, mas ou a sorte ou o destino mandou papai para o norte da Inglaterra para assistir o casamento do duque de Northumberland, no lugar da rainha.

— Quer dizer que fora você, só haverá duas pessoas a bordo?

— Duas pessoas e mais o duque.

— Elas não a conhecem, tudo bem. Mas e quanto ao duque? Você já o conheceu em festas. Eu não.

— Eu o vi apenas uma ou duas vezes, de longe. E ele não se ofereceu para me levar em seu iate para um outro país por livre e espontânea vontade, tenho certeza. A rainha está por trás de tudo.

— A história me parece muito estranha. — Miriam franziu o cenho. — Digamos que eu vá. O que acontecerá após minha chegada?

— Continuará fingindo ser eu até os russos se convencerem de que a rainha e a Grã-Bretanha, é claro, estão efetivamente interessadas no futuro de Saionga.

Miriam estava se preparando para fazer um comentário, mas a prima não permitiu.

— Então os russos deixarão o país e se concentrarão em outro mais vulnerável, que não esteja sob a proteção da coroa inglesa.

— Essa solução me parece viável, mas o que seu pai irá dizer?

— Nada! A essa altura eu já estarei casada com Johnnie.

— Eu não entendo um detalhe — Miriam desabafou, sincera.

— Se você está mesmo determinada a se casar com John, por que não foge com ele e esquece esse incidente com Saionga? A rainha, não podendo contar com você, certamente encontrará outra pessoa.

— Essa foi a primeira ideia, mas depois eu me lembrei de que o arcebispo de Canterbury é meu padrinho. Quando Johnnie fosse requerer a licença especial de casamento, o arcebispo poderia ver meu nome. Se isso acontecesse, eu seria proibida de ver Johnnie para o resto de minha vida e acabaria me casando, se não com o príncipe, com outro homem considerado mais importante pelo meu pai.

Era preciso admitir que Charlotte e Johnnie haviam refletido sobre todas as possibilidades. De nada adiantava querer encontrar outra saída. Mas, ao mesmo tempo que queria ajudar a prima, Miriam estava receosa de se fazer passar por ela e principalmente de fazer uma viagem a um país dos Bálcãs entre estranhos.

— O que direi a meu pai? — perguntou com um fio de voz.

— Johnnie sugeriu que diga a seu pai que deseja participar de uma festa em particular a ser realizada em Londres. Ele, também, mesmo que descubra a verdade, não poderá detê-la, pois será tarde demais.

— Detesto mentir para papai.

— Eu sei minha querida, mas só você pode me salvar. E minha prima e, graças a Deus, parecida comigo com seus cabelos loiros e olhos azuis. Por favor, arrume suas malas o quanto antes e não deixe de levar seus vestidos mais lindos. De minha parte, lhe darei todos os que papai comprou para meu debut.

— De jeito nenhum! — Miriam protestou.

— Faço questão — Charlotte insistiu. — Você precisará deles mais do que eu. Além disso, de uma coisa meu pai não poderá se queixar. Johnnie é muito rico. Bastará eu querer, e ele me comprará muitos outros vestidos.

Inesperadamente, Charlotte se ajoelhou aos pés de Miriam.

— Por favor, minha prima, ajude-me. Amo Johnnie como nunca amei ninguém. Seremos muito felizes juntos, se pudermos nos casar.

Miriam pensou no tio e se admirou por ele não ter tentado casar Charlotte com o duque, que também era um homem da maior importância, além de mais acessível.

— Será que seu pai não está pensando em lhe garantir o duque de Dunstead, caso o príncipe não queira se casar com você?

Charlotte riu.

— Não está, mas já esteve. Não podia imaginar que o duque já fosse casado, pois ele ainda é muito jovem. Uma pena que seu casamento tenha sido infeliz. Logo que se casou, há cinco anos, a esposa adoeceu.

Algo que não deve ter despertado a compaixão do tio. Afinal, era preferível que a filha se casasse com um príncipe.

— Não posso evitar o medo de que embora soe fácil, o plano será difícil de ser cumprido. Já pensou se eu for descoberta e acusada de impostora no momento que subir a bordo?

Charlotte levou uma das mãos à boca para sufocar um grito de horror.

— Você tem de evitar isso a qualquer custo! Johnnie entrará com o pedido para a licença especial de casamento no momento em que você deixar o solo inglês. Será impossível conseguir a autorização em menos de vinte e quatro horas. — Em seguida, a voz de Charlotte se tornou meiga e suave. — Vamos nos casar na primeira igreja por onde passarmos e viajar para a França, em lua-de-mel, onde papai não pode cogitar em me procurar.

— Você faz tudo parecer tão fácil, mas no fundo está ciente do quanto esse plano é perigoso. Seu pai ficará furioso não apenas com você, mas comigo também, e isso certamente aborrecerá papai.

— Eu sei, eu sei, mas por favor não me abandone. Nunca me falhou até hoje, querida e maravilhosa Miriam. Assuma meu lugar e ajude-me a me casar com o homem que amo.

Fez-se silêncio por alguns instantes até Miriam declarar.

— Creio que não me resta escolha.

— Oh, muito obrigada! — Charlotte deu um grito de alegria.

— Sabia que você me ajudaria. Oh, Miriam, por sua causa eu serei tão feliz

Miriam desejava poder dizer o mesmo de si própria, mas sabia que isso seria muito difícil. Não queria nem pensar no que o príncipe poderia fazer se descobrisse que ela não era a noiva que a rainha lhe reservara. Charlotte tinha sangue real nas veias, assim como ele. Ela, no entanto, apesar de também ser neta da princesa Sofia da Noruega, não era filha de um conde.

De repente, um pensamento cruzou a mente de Miriam e ela sentiu um arrepio.

E se o príncipe, desesperado por ela não ser a noiva prometida, insistisse que se casasse com ele da mesma forma, por não se importar com títulos, mas apenas com a qualidade real do seu sangue?

Tinha de evitar que isso acontecesse, custasse o custasse. Ela, tanto quanto Charlotte, não tinha a menor intenção de se casar com um desconhecido, e muito menos de se sentar em um trono de um país estrangeiro. Queria uma vida tranquila e feliz, como seu pai havia tido com sua mãe. Nada lhe parecia pior do que o protocolo da corte.

Em seguida, Miriam deu um sorriso. Estava se preocupando à toa. Nenhum rei ou príncipe faria uma proposta de casamento à filha de um simples vigário. Nenhum estrangeiro seria capaz de entender a tradição de que o filho mais novo era quem vivia melhor dentro de uma família.

— Por mais que repetisse essas palavras, Miriam continuava a temer a solidão que teria de enfrentar quando viajasse e mais ainda a possibilidade de permanecer em Saionga para o resto de sua vida.

— Farei o que me pede, Charlotte, mas quero que me prometa uma coisa sobre tudo o que lhe é mais sagrado.

— O quê? — a prima quis saber, apreensiva.

— Que não descansará enquanto não persuadir seu pai e o meu, apesar de nossa traição, de me deixarem voltar para casa, mesmo que o príncipe queira se casar comigo.

— É claro. Eu a defenderei de todas as maneiras. — Charlotte beijou-a. — Creio que o enviado do príncipe acabará ajudando-a, mesmo a contragosto. Contrariado por ter se deixado enganar, ele se verá ansioso por se livrar de quem considera uma falsa noiva.

— Espero que você tenha razão.

— A verdade é que o que mais interessa ao príncipe é se livrar dos invasores russos.

— Rezarei para que você esteja certa em sua suposição. O que mais quero é voltar para casa e ser perdoada por papai por ter lhe mentido.

Charlotte abraçou e beijou a prima.

— Você é a pessoa mais incrível do mundo. Ninguém mais entenderia o que significaria para eu perder Johnnie.

— É o que me compensa em toda esta história — Miriam afirmou. — Não estivesse a sua felicidade em jogo, eu não assumiria riscos tão grandes.

— Sei que estou lhe pedindo muito, mas prometo que sempre haverá um lugar em minha casa para você, caso nossa família não a perdoe.

— Meu pai tem um coração de ouro. O seu, contudo, ficará uma fera!

Charlotte franziu o cenho, mas em seguida deu de ombros.

— E provável que nunca mais volte a falar comigo, mas eu prefiro isso a me desgraçar para sempre ao lado de um marido que não conheço. Quanto a ele, ainda poderá ter o que deseja através de minhas pobres irmãs Violet e Elizabeth. Mas, felizmente, terá de esperar alguns bons anos até que cresçam.

Feito o plano, as duas primas se dirigiram à sala onde lhes foi servido um delicioso almoço.

Charlotte comeu com apetite. Miriam, contudo, sentiu-se como se estivesse caindo de um penhasco sem ideia do que encontraria no fundo.

CAPÍTULO 2

Envergonhada por ter de mentir ao pai, Miriam pediu que Charlotte se encarregasse de redigir a carta. A prima, depois de conseguir um favor tão grande, estava disposta a fazer qualquer coisa que Miriam exigisse. Munida de papel e uma caneta, começou a anotar o ditado:

"Querido tio Christopher

— Convidei Miriam para ir comigo a Londres a fim de participar de uma festa muito importante em comemoração ao aniversário de uma de minhas amigas.

Depois da festa, todos os jovens farão um cruzeiro de uma semana pelo sul da Inglaterra, no iate de um dos componentes do grupo.

Será muito divertido. Haverá um pianista entre nós de forma que música e dança não deverão faltar.

Espero que me perdoe por lhe roubar Miriam durante sua ausência, mas sei que concordará comigo que ela não poderia perder essa chance de viajar pelo mar e de conhecer meus amigos.

Prometo devolvê-la em segurança.

Com amor,

Sua sobrinha

Charlotte"

— A carta está ótima — Charlotte comentou.

— Só diz mentiras — Miriam se lamentou. — Quando descobrir a verdade, papai ficará triste comigo. Mas eu prefiro enganá-lo a permitir que se preocupe.

— Tenho certeza de que nada de mal lhe acontecerá — Charlotte disse. — Os russos não se atreverão a se aproximar quando souberem que você é a noiva enviada pela rainha Victória.

Miriam não respondeu. Estava consciente da loucura daquele plano. Não queria nem pensar no momento em que, não apenas o Sr. Korsakov mas também o príncipe, viessem a saber que ela não era a jovem que esperavam.

No quarto, enquanto arrumava as malas com a ajuda da prima, Miriam se lembrou de um detalhe.

— O príncipe está de acordo? Foi ele quem pediu que a rainha lhe arrumasse uma noiva?

Charlotte corou.

— Eu não pretendia lhe contar, mas é melhor que você saiba tudo de uma vez. O príncipe, pelo que ouvi falar, não tem planos de se casar com ninguém. E homem de várias mulheres.

— Isso certamente complica a situação.

Ou não? Quem sabe essa predileção do príncipe não seria melhor sob seu ponto de vista? Talvez significasse uma chegada tranquila a Saionga, sem que o príncipe Nikita estivesse aguardando ansiosamente por conhecê-la.

De repente, uma suposição horrível passou pela mente de Miriam.

— E se ele quiser se casar comigo, apesar de tudo, só para salvar seu país? Mesmo eu sendo uma garota sem importância, sou inglesa de nascimento. Ninguém em sã consciência se atreveria a me expulsar do país.

Charlotte fez um gesto de impotência com as mãos.

— Você poderia continuar enumerando as dificuldades até o próximo Natal e não chegaria ao fim da lista. Pense apenas em mim, Miriam, por favor. Não quero me casar com nenhum rei, príncipe ou duque. Quero me casar com Johnnie.

— Você me disse que o duque, que me levará em seu iate, é casado.

— Sim — Charlotte concordou. — Embora eu não o conheça, imagino que não tenha planos de tornar a se casar quando for novamente livre, pois tem sofrido muito com a esposa inválida.

— Com que base diz isso? — Miriam não disfarçou a curiosidade.

— Um dos homens, que vive me perseguindo desde que cheguei a Londres, é um tremendo fofoqueiro. Perguntei-lhe se, por acaso, conhecia o duque e ele disse que não. Depois me contou que no White's Club, de onde é sócio, fala-se da vida de todo o mundo.

— Disso eu já sabia! — Miriam exclamou.

— Ele me contou que o duque ficou furioso quando descobriu, aos vinte e um anos, que seu pai havia lhe obrigado a se casar com uma jovem que, embora linda, era uma inválida crônica.

— Eu sinto pena dele.

— Você sempre sente pena das pessoas — Charlotte retrucou. — Mas ele não é tão digno de piedade quanto pensa. Vive cercado de mulheres. Afinal é rico e atraente, além de ser dono de um alto título de nobreza.

— Não sei não. — Miriam balançou a cabeça. — Essa história me parece tão fantástica. Tem certeza de que não acordaremos daqui a pouco para descobrir que tudo não passou de um sonho?

— Não no meu caso — Charlotte afirmou. — Amo Johnnie e juro que não me casarei com mais ninguém. Se não puder me casar com ele, prefiro me tornar uma velha solteirona e viver para instruir seus netos a não serem bobos.

Miriam se pôs a rir.

— Esse é um plano que realmente espero nunca se realize. Quero que seja muito feliz. Tão feliz quanto sonha ser.

— Sei que Johnnie me fará feliz — Charlotte repetiu com convicção. — Não imagina o medo que senti, quando fui a Londres, de que ele pudesse vir a se apaixonar por outra.

— Isso não aconteceu.

— Aposto que não foi por falta de tentativa da parte de muitas mulheres.

— Bem, depois de tanto trabalho, espero que seja recompensada. E se o tio Edward a proibir de voltar para casa, sempre poderá contar comigo e com papai.

— Não quero me preocupar com o que as pessoas poderão fazer comigo, por enquanto — Charlotte respondeu. — Depois que estiver casada, não me importo que falem. Serei a esposa de Johnnie e ninguém poderá negar esse fato.

— Continuo achando que será uma perda de tempo eu ir a Saionga em seu lugar. Por que não se casa simplesmente e deixa que a rainha se incumba de encontrar outra noiva?

— Não é possível, será que você não entende? Meu pai e todos os políticos, no Castelo de Windsor, tomaram parte do acordo. A rainha já enviou um telegrama ao príncipe avisando da chegada de alguém importante, chamada lady Charlotte Woode cujo pai é Mestre da Cavalaria da Inglaterra, na companhia do duque de Dunstead.

— Eles ficarão surpresos ao me verem.

— Não seja tola. Você é linda e tem toda a aparência de uma nobre. Vestida com minhas roupas fará o maior sucesso junto ao povo de Saionga. Embora seu compromisso com o príncipe ainda não tenha sido anunciado oficialmente, estou certa de que todos na cidade sabem que ele está aguardando uma noiva inglesa.

— O que você diz me deixa ainda mais nervosa — Miriam se queixou. — Quando descobrirem que sou uma impostora, terei minha cabeça decepada ou acabarei trancafiada em uma prisão.

— É inteligente o bastante para não permitir que algo assim lhe aconteça. Johnnie concorda comigo que você é quem deve decidir se é melhor contar a verdade ao Sr. Korsakov e ao duque antes de chegarem, ou depois.

— Suas palavras me assustam cada vez mais.

— Se eu estivesse lidando com outra pessoa também ficaria preocupada, mas conheço-a bem e sei o quanto é esperta.

— A esperteza não me levará a lugar nenhum nesse caso.

— Lembre-se dos inúmeros livros que leu e tente seguir os passos de alguma princesa que, há três ou quatro mil anos, precisou fugir de algum perigo.

A prima era incrível e Miriam desistiu de levá-la a sério. Entendia a razão que a levava a agir dessa forma. No lugar dela, talvez fizesse o mesmo.

Se o tio Edward tivesse a menor ideia de que a filha estava prestes a se casar com o vizinho, faria tudo que estivesse a seu alcance para impedir o enlace.

"O melhor que tenho a fazer é esperar até que o iate chegue ao Mar Mediterrâneo. Conto a verdade, então, e eles me mandam de volta para casa, por terra. Assim será mais fácil. Não terei nenhum problema em comprar uma passagem".

Com essa ideia em mente, Miriam se sentiu mais animada e disposta a escrever uma nota particular para seu pai.

"Querido papai,

Perdoe-me por deixá-lo, mas Charlotte foi tão insistente que acabou me persuadindo a comparecer à tal festa. Prometo voltar o mais rápido possível.

Por favor diga ao meu cavalo favorito, Firefly, que não o esquecerei.

Cuide-se e não trabalhe demais.

Sua filha que o ama,

Miriam."

Embora seu tio lhe facultasse o uso de todos os cavalos do estábulo, Miriam gostava mais de montar em Firefly, que ganhara de presente de aniversário e que conservava no próprio vicariato.

Como Miriam teria de usar as roupas de Charlotte, não demorou a arrumar os poucos pertences que desejava levar consigo. Então, com seu melhor vestido e com um casaco no braço, caso esfriasse, preparou-se para partir.

No hall, despediu-se do mordomo.

— Minha prima faz questão que eu a acompanhe de volta a Londres para uma breve visita. Deixei um bilhete para meu pai sobre sua escrivaninha. Deixo-o aos seus cuidados e aos da sua esposa.

— Pode viajar sossegada, Srta. Miriam — respondeu Beckwith. — Nós cuidaremos bem do seu pai. Divirta-se. Como minha esposa diz, "somos jovens apenas uma vez".

— E verdade, mas não creio que vá me divertir em Londres mais do que aqui.

Charlotte já estava entrando na carruagem, que era puxada por quatro cavalos, e Miriam se apressou a segui-la para darem início à viagem que levaria cerca de três horas.

A casa do conde em Berkeley Square era tão bonita com relação à cidade, quanto sua casa no campo. Contava com quadros famosos e com móveis antigos dignos de serem exibidos em um museu.

As duas jovens foram recebidas pelo mordomo e quatro criados de libré, e conduzidas imediatamente aos seus quartos.

Assim que acomodou suas malas, Charlotte voltou para o quarto de Miriam.

— Agora precisamos escolher os vestidos que você deverá usar quando estiver em Saionga. No lugar deles, comprarei outros mais apropriados ao campo, pois Johnnie e eu preferimos viver entre a paz e o verde ao brilho e movimento de Londres.

Miriam quase comentou que sua preferência era idêntica e que não lhe agradaria usar vestidos caros e sofisticados, mas achou melhor se calar. Depois de tomada a decisão de ajudar Charlotte, não voltaria atrás em sua palavra. Era tarde demais para desistências.

Sua missão era garantir a felicidade da prima com o homem que amava e evitar um escândalo em Saionga, que pudesse ser provocado por sua visita. Estava entrando em um ninho de vespas e isso a assustava, mas seguiria em frente.

Enquanto Charlotte retirava os modelos escolhidos do armário, alguém bateu à porta.

— Acaba de chegar uma mensagem para lady Charlotte — avisou o mordomo.

Charlotte correu a apanhar a mensagem através de uma pequena abertura da porta, pois não queria que o mordomo visse que estava arrumando malas, tarefa normalmente efetuada por sua camareira.

Junto de Miriam, rasgou o envelope.

— E do duque! — exclamou, surpresa. — Ele diz que tentou entrar em contato comigo o dia inteiro. Como a maré está perfeita para a navegação, pede que eu esteja preparada para embarcar hoje à noite de forma a zarparmos de madrugada.

— Hoje à noite? — Miriam repetiu, em pânico.

— Ele diz ainda que, caso eu tenha algum compromisso para uma baile ou jantar, poderá me esperar sem problemas. A qualquer hora que chegar no porto, haverá alguém à minha disposição para me levar à cabine.

— E cedo demais! Hoje à noite será impossível!

— Não vejo o por quê — Charlotte retrucou. — O barão havia me prevenido. Se a situação em Saionga piorasse, era provável que tivéssemos de partir antes do combinado.

— Isso significa que Saionga está em perigo?

— Pode ser apenas imaginação minha, mas é o que parece. Fique calma. O quanto antes você partir, mais segura me sentirei.

— Por quê?

Charlotte sorriu.

— No momento em que você embarcar, eu voltarei para o campo para me encontrar com Johnnie. Assim que obtivermos a licença nos casaremos e sairemos do país, em lua-de-mel.

— Você realmente acha que eu precisarei partir esta noite? — Miriam perguntou, a voz trêmula. — Queria tanto ficar aqui com você por um ou dois dias. Agora, não terei tempo nem para respirar.

— O quanto antes você partir, melhor — Charlotte repetiu.

— Sei que meu pai está no norte, mas e se ele resolver voltar inesperadamente? Ou então, se um de nossos parentes surgir por aqui e dizer que veio cuidar de mim?

— Está bem. Ajude-me a terminar de arrumar as malas. Não queremos fazer o duque esperar, não é?

— Sei exatamente o lugar onde o iate está ancorado: perto da Casa dos Lordes. Assim que escurecer a levarei até lá. Depois, refarei o trajeto que percorremos hoje.

— O que dirão os criados? Não acharão estranho?

— Não. Eu tenho me encontrado com Johnnie mais do que papai poderia imaginar. Sempre dou ótimas gorjetas a dois elementos de minha inteira confiança.

— Você pensou em tudo.

Miriam não quis preocupar a prima, mas ela tinha certeza de que os criados começariam a falar assim que Charlotte os dispensasse. Especialmente quando soubessem que ela iria sair do país.

— Johnnie sempre procura marcar nossos encontros em lugares diferentes para o caso de alguém me seguir. Além disso, nunca se deixou ver pelos criados.

Charlotte riu.

— E claro que sabem que eu estou namorando. Só não conseguem descobrir com quem!

— Você é realmente uma garota esperta. Espero seguir ao menos a metade do seu exemplo.

— Correrá tudo bem, você verá. Fala de mim, mas sempre foi muito mais esperta do que eu. O barão Korsakov a ajudará, quer queira quer não, quando chegar o momento. Ele não irá querer, certamente, ser envolvido na trama e levar ao príncipe uma noiva que ele não deseje.

Miriam encarou a prima por um momento.

— Eu ouvi bem? Você disse "uma noiva que ele não deseja"?

— Escapou — Charlotte respondeu, constrangida.

— Você reforçou apenas que o príncipe não está satisfeito com essa solução.

— Mas terá de aceitá-la para salvar seu país. Depois, então, encontrará uma desculpa, que virá a calhar para você, para não se casar.

— Você está me deixando maluca, Charlotte. A cada minuto a história está me parecendo mais complicada.

— Bobagem. Pelo que deduzi através das conversas do meu pai com o barão, o próprio Primeiro Ministro avisou o príncipe que a única salvação será a intervenção inglesa.

Nesse ponto, Miriam tinha de concordar.

— É por essa razão que ele terá de aceitar a ideia de se casar com uma inglesa.

— Mesmo que seja contra o casamento.

— Exatamente — Charlotte observou. — Assim como eu não quero me casar com o príncipe Nikita, o príncipe Nikita não quer se casar com Charlotte Woode. Mas para salvar o país, algo deverá ser feito.

— Quer dizer que você acha que o príncipe, em vez de aborrecido, ficará aliviado quando souber que eu não sou você, e portanto uma pessoa sem importância, que sequer foi vista pela rainha?

— Tenho certeza! — Charlotte exclamou. — Por outro lado, com um pouco de sorte, o simples fato de haver um iate com a bandeira inglesa, no porto de Saionga, fará com que os russos abandonem o lugar.

— Rezarei para que essas palavras se cumpram — Miriam murmurou —, mas não consigo evitar a sensação de perigo. Suponha que o príncipe, mesmo ciente de que não sou a filha do conde que ele esperava, decida se casar comigo só porque sou inglesa.

— Bem, se isso acontecer, você terá de fugir como eu estou fugindo agora — Charlotte sussurrou.

Miriam estava assustada, mas a verdade era que de nada adiantaria ela se antecipar e começar a fazer planos para uma fuga que provavelmente não iria ser necessária.

Charlotte, por sua vez, percebendo a tensão da prima, abraçou-a e beijou-a no rosto.

— Por favor, Miriam, não me desaponte agora. Eu estava tão contente por você ter concordado em me ajudar. Se não me casar com meu querido Johnnie, vou querer morrer.

Miriam, apesar das hesitações, apesar de saber que estaria agindo com mais sensatez caso desistisse, não tinha coragem de se sentir responsável não pela morte, é claro, mas pela eterna infelicidade da prima.

— Acho que nós duas somos umas loucas — Miriam declarou, por fim. — Minha única esperança é que aconteça um milagre e que tudo dê certo conforme seus planos.

— Obrigada — Charlotte agradeceu, tornando a beijá-la.

— Juro que Johnnie e eu a compensaremos caso sua situação se torne difícil, quando voltar.

Miriam não pôde evitar o pensamento de que o problema era não saber realmente se poderia voltar para casa, mas não o expressou em voz alta.

— Iremos para o cais assim que escurecer, conforme você combinou com o duque. Talvez até seja melhor assim para que ninguém me veja até amanhã.

— Você ainda está preocupada que eles percebam que não é Charlotte Woode. Eu já lhe disse, Miriam. O barão não me conhece e o duque, caso tenha me visto, o que eu duvido, foi apenas de relance, em uma festa da embaixada.

Miriam procurou se concentrar na escolha dos vestidos, que realmente gostava, para distrair a mente. Acabou se decidindo por todos, com exceção de dois.

Eram oito horas quando os preparativos foram encerrados e o jantar foi servido pelo mordomo e dois criados, na sala de café, que era menor e mais informal.

Terminada a refeição que foi leve, mas saborosa, Charlotte ajudou Miriam a se vestir e, por fim, envolveu-a em uma de suas mais elegantes capas, feita de veludo e debruada com arminho.

— Eles acreditam que você está vindo de uma festa. Embora eu duvide que alguém esteja acordado, à espera, no convés, exceto o comissário de bordo, é sempre bom estar prevenida.

— E quanto ao barão e sua esposa? — Miriam quis saber.

— Ele deixou bem claro em nossa conversa que a presença da esposa, nessa viagem, só se deve a um pedido especial feito pelo Primeiro Ministro. Como ela detesta o mar, costuma passar a maior parte do tempo em sua cabine.

Mais uma informação gratificante, Miriam pensou, pois não se sentia disposta a conversar com ela.

O pensamento a fez cogitar se teria condições de conversar com alguém em Saionga. Tinha uma noção de que eles deveriam falar um dialeto, uma mistura de vários idiomas dos Bálcãs.

Ela dominava o alemão, o francês e o grego, além de possuir bons conhecimentos de russo. Mas essas línguas lhe facultariam o entendimento do saluguês?

A medida que se aproximavam do embarcadouro, mais ela descobria que ainda faltavam explicações para uma série de dúvidas.

Mas não havia mais tempo. E Charlotte não deveria saber muito sobre Saionga. Talvez soubesse menos do que ela, pois nunca se interessara pela história dos países, inclusive o seu próprio.

"Se ao menos papai estivesse aqui", Miriam pensou. "Ele se interessaria não só pela história de Saionga, como também pela crise que o país vem enfrentando".

Ela adorava ler. Conhecia a história da Grécia, do Egito, e especialmente do império otomano com o qual os Bálcãs estavam profundamente ligados.

Uma pena que não pudesse ter adivinhado que, um dia, visitaria um país daquela parte do mundo, pois teria se interessado muito mais em aprender sobre suas características.

Mas tudo acontecera de um minuto para outro.

Os cavalos se detiveram e Miriam sentiu um ímpeto quase irresistível de gritar que não queria ir. Que precisava de uma semana, no mínimo, para descobrir mais sobre Saionga.

Lembrou-se, então, de que os problemas que estavam ocorrendo naquele país tornavam sua partida urgente.

— Chegamos — Charlotte avisou, desnecessariamente. — Você entende, minha querida, que eu não poderei acompanhá-la?

— Sim, é claro — Miriam respondeu. — Cuide-se e trate de ser muito feliz com Johnnie.

— Pode ter certeza disso — Charlotte respondeu com um sorriso. — Não vejo a hora de dizer ao cocheiro para tomar uma outra direção que não a de Londres. Johnnie estará esperando por mim na metade do caminho.

— Como conseguiu avisá-lo de que teria de embarcar tão depressa? — Miriam indagou, intrigada.

— Johnnie insistiu em ficar por perto, pois sabia que a partida poderia se dar a qualquer momento, dada a situação problemática de Saionga.

— Fico mais tranquila. Se Johnnie está por perto, ele cuidará de você. Quando calcula que estarão casados?

— Amanhã, caso ele tenha obtido a licença. Então desapareceremos de vista para que papai não nos encontre, quando regressar do norte.

Um dos criados saltou da boleia e começou a descarregar as malas. Levou duas até o iate e voltou em seguida para apanhar o que faltava.

— Obrigada mais uma vez, querida prima — Charlotte disse quando ficaram a sós. — Nunca poderei lhe agradecer o suficiente por tudo que está fazendo por mim. Se meu pai ou o seu ficarem zangados, eu assumirei toda a culpa.

— Ao menos faça o possível para convencer o tio Edward de que meu pai não está envolvido nesta trama.

— Claro que ele não está! A ideia foi minha — Charlotte retrucou firme. — Aos olhos de nossa família serei a ovelha negra, mas isso não me preocupa, garanto.

Era chegado o momento de se despedirem. .

— Adeus, e obrigada — Charlotte murmurou. — Adoro você, Miriam. Rezarei para que esta seja uma aventura maravilhosa e não um motivo de medo para você. Pedirei a Deus para que tudo dê certo.

— Reze bastante. Eu prometo que farei o mesmo.

Beijaram-se e apertaram-se as mãos. Por fim, fingindo-se mais corajosa do que se sentia, Miriam se virou em direção ao ancoradouro.

O iate era maior e mais luxuoso do que imaginava. O duque de Dunstead deveria ser riquíssimo.

A bordo, para seu alívio, esperava-a apenas o segundo oficial. O capitão, segundo ele, ainda estava em terra porque tivera informações de que ela chegaria tarde, quase com certeza.

— Infelizmente, milady, o barão e a baronesa já se recolheram e não poderão lhe fazer companhia.

— Não tem importância — Miriam respondeu, sorrindo consigo mesma de alívio. — Peço apenas que me conduza até minha cabine, onde pretendo dormir o mais rápido possível, tão cansada me sinto.]

O oficial ordenou, mais do que depressa, que o comissário lhe indicasse o caminho.

A cabine, para surpresa de Miriam, era muito maior do que ela esperava, e muito bem mobiliada. Havia uma cortina de musselina sobre a cama e outras de chintz estampado sobre as escotilhas.

— Gostaria que eu lhe enviasse uma camareira para ajudá-la a desfazer as malas, milady? — ofereceu, gentilmente, o comissário.

— Oh, não, obrigada. — Miriam negou com um gesto de cabeça. — Estou cansada demais. Cuidarei das malas amanhã. Neste instante, tudo o que quero é dormir.

— Espero que tenha uma boa noite, milady, e não hesite em chamar caso precise de alguma coisa.

Assim que se viu sozinha Miriam se atirou sobre a cama. Ainda não conseguia acreditar que estava acordada. Daqui a pouco se levantaria e descobriria que sonhara. Como era possível que sua vida tivesse mudado tanto no espaço de poucas horas?

Em vez de dar um passeio a cavalo, como fazia todas as tardes, e visitar alguma amiga na aldeia, estava a bordo de um dos iates mais luxuosos que já tivera a oportunidade de ver.

Em vez de se encontrar na segurança de sua casa, ou da casa do tio em Londres, encontrava-se a caminho de um país desconhecido e ameaçado pelo poderoso império russo.

— Como posso ter acordado normalmente esta manhã e agora estar nesta cabine?

De repente, começou a rir. Quantas vezes segredara ao pai que gostaria de viver uma grande aventura?

— Meu maior desejo é viajar ao redor do mundo e conhecer outros tipos de civilizações e pessoas.

"Você encontrará aventuras onde quer que vá", respondia seu pai. "A vida nunca é aquilo que se espera e as pessoas inteligentes, como você e com grande capacidade de imaginação, em geral não se conformam com uma rotina insípida".

— É verdade, papai. Eu quero mais da vida. Acha que conseguirei?

— Se procurar com cuidado, sem dúvida alcançará seu intento e descobrirá por si mesma que as aventuras inesperadas são as mais atraentes.

— Que tipo de aventuras?

— A maior de todas, eu creio, é o amor. Todos nós o buscamos, seja o amor que vem de Deus, ou o amor dos homens. Quando o encontramos, nos tornamos ricos.

Miriam olhou ao redor como se esperasse encontrar seu pai, tal a nitidez com que ouviu suas palavras.

Ele lhe dizia que viveria uma grande aventura, mas que seu sucesso dependeria de ela se entregar não apenas com a mente, mas também com o coração.

Miriam sentiu o coração palpitar diante daquela ideia. Aquele tipo de aventura não lhe pertencia. Quem a estava vivendo era Charlotte.

A sua aventura seria completamente diferente. Em primeiro lugar, teria de representar uma outra pessoa, e não ser ela mesma. Será que valeria a pena? Conseguiria dar uma contribuição importante o suficiente para salvar o príncipe?

Isso era algo que só descobriria quando chegasse. Dessa forma, precisava parar de sofrer por antecipação.

Despiu-se lentamente e vestiu uma de suas camisolas. Antes de se deitar, foi até uma das escotilhas e puxou a cortina.

O rio Tâmisa brilhava ao luar. A noite estava tão linda e clara que dava para se ver as árvores na outra margem.

— Esta é Londres! Este é o meu país! Este é o meu lugar! — Miriam exclamou.

Em seguida, como se estivesse desafiando o destino, que a levava até aquele navio, fechou a cortina e se dirigiu para sua cama de cabeça erguida.

Apagou a luz e se deitou. Entre a maciez e o conforto dos lençóis deixou-se embalar pelo leve balanço provocado pelas águas contra o casco do iate.

A madrugada a levaria para o mar aberto e quando acordasse seria recebida pelo duque e pelo barão.

— Uma aventura. Uma grande aventura. O que quer que aconteça, não devo lastimar a oportunidade que tive de tomar parte nela.

Depois dessa última conversa consigo mesma, Miriam fechou os olhos e rezou.

CAPÍTULO 3

Ao acordar, Miriam sentiu o movimento do navio que deslizava pelo canal. A ideia a excitou. Significava que sua prima estava salva. Ao mesmo tempo, receava encontrar os demais passageiros.

O duque deveria ter se recolhido em completo silêncio, pois não o ouvira passar por sua porta rumo à cabine principal que ficava no fim do corredor.

Levantou-se e vestiu um dos seus próprios vestidos. Suas roupas lhe pareciam mais adequadas para serem usadas durante o dia do que os trajes sofisticados que Charlotte lhe dera.

Depois, tentou se armar de coragem para abrir a porta e se dirigir ao salão onde acreditava estarem reunidos os demais passageiros para tomarem o café da manhã.

Acertou.

— Estava se aproximando do local e já ouvia as vozes.

Deu um passo para dentro do salão e todos se levantaram, sendo que o duque foi o primeiro a ir ao seu encontro.

— Bom dia, lady Charlotte, dormiu bem? Avisaram-me que a senhorita já estava a bordo quando cheguei, ontem a noite.

Miriam o fitou com uma pitada de espanto. Pelo que a prima lhe dissera sobre ele ser casado e apreciar muito as companhias femininas, imaginara-o bem mais velho. Agora, que tinha a oportunidade de conhecê-lo, notava que era bem jovem e muito, muito bonito.

— Permita que eu a apresente ao amável diplomata que veio a Inglaterra para discutir os problemas de Saionga com Vossa Majestade.

O barão Korsakov, que também havia se levantado à sua entrada, fez uma reverência. Em seguida segurou-lhe a mão, à moda francesa, e beijou-a.

— Não estou apenas encantado em conhecê-la, milady, mas também extremamente grato por ter aceito nos acompanhar nesta viagem que, lhe garanto, é de suma importância ao meu país.

Miriam se limitou a sorrir e ele prosseguiu:

— Gostaria de lhe apresentar minha esposa, a baronesa Korsakov que, lastimo dizer, não é uma boa marinheira.

A baronesa inclinou a cabeça e Miriam aconselhou:

— Se não se sente bem, deve se deitar imediatamente. Aprendi que essa é a melhor solução, pois uma vez começado o processo da náusea é muito difícil detê-lo.

O duque aprovou.

— Concorro com a sabedoria dessa atitude, baronesa.

— Eu só me levantei porque achei que seria indelicado de minha parte não vir conhecer lady Charlotte — explicou a baronesa. — Mas, assim que terminar de tomar meu café, voltarei para minha cabine, com a licença de todos.

— Venha se sentar conosco — o duque convidou. — Aviso-a, caso esteja se sentindo disposta, de que meu iate dispõe de uma série de facilidades e interessantes atividades para seu lazer.

— Felizmente nunca enjoei em minhas travessias pelo mar - Miriam respondeu. — Confesso que foram curtas. Nunca tive a oportunidade de navegar pelo Mediterrâneo.

— Espero que não fique desapontada. O mar costuma ser calmo uma vez ultrapassada a baía de Biscaia. Nessas ocasiões podemos desfrutar de uma vista magnífica do Rochedo de Gibraltar.

— Há muitos lugares que eu gostaria de ver — Miriam confidenciou.

— Posso entendê-la, mas como a senhorita deve saber, precisamos chegar em Saionga o mais rápido possível. O barão afirma que o príncipe precisa de nós com urgência.

— O senhor poderia me dizer, barão, que língua se fala em Saionga?

— Muitas pessoas me fazem essa pergunta — o barão respondeu, divertido. — A verdade é que cada país dos Bálcãs conta com seu próprio idioma, que, em geral é uma mistura de outras línguas dos países que lhe fazem fronteira.

— Como Saionga não fica distante da Grécia — Miriam deduziu —, espero que o grego seja o idioma dominante.

— Isso significa — o duque interveio, uma nota de admiração e surpresa na voz —, que a senhorita fala grego?

— Sim. Acontece que a Grécia é um país que me interessa muito.

Ainda não havia acabado de falar e Miriam já estava arrependida de sua indiscrição. Charlotte, afinal, não falava nenhuma língua estrangeira, a não ser algumas palavras de francês. O duque e o barão poderiam estranhar e fazer indagações.

Em seguida, Miriam cogitou que seria absurdo fingir-se de ignorante. Usava um nome falso, mas apenas isso. Seu comportamento seria normal, sem fingimentos, especialmente porque nenhum dos três passageiros a bordo conheciam Charlotte.

Talvez para saciar sua curiosidade, ou então para testá-la, o barão se pôs a falar em salonguês. Miriam se sentiu aliviada e também entusiasmada.

— Eu entendi quase tudo o que o senhor disse! Se fizer a gentileza de conversar comigo nesse idioma, enquanto estivermos a bordo, eu creio que não terei problemas quando chegarmos.

— É extraordinário! — exclamou o duque. — Eu aprendi um pouco de salonguês, mas com certa dificuldade, confesso. A senhorita é muito inteligente!

— Há toques de alemão e também de russo no salonguês - continuou o barão, mas Miriam preferiu não comentar sobre seus conhecimentos dessas línguas, também.

Durante o desjejum, a conversa foi travada nesse idioma, atendendo seu pedido, e apenas uma ou duas vezes ela precisou interromper o barão para lhe perguntar o significado das palavras.

Terminada a refeição, o duque se ofereceu para lhe mostrar o iate.

— Eu aconselho começarmos pelo deque para aproveitarmos o sol. As previsões estão anunciando chuvas para mais tarde.

— Começaremos por onde o senhor achar melhor. Como eu gostaria de ver tudo, não importa qual a parte que será visitada em primeiro lugar. Confesso que nunca estive em um iate como este antes.

— Creio que seu pai deveria levá-la a viajar mais vezes. Preciso me lembrar de lhe dar alguns conselhos da próxima vez que o encontrar no Castelo de Windsor.

O homem estava brincando, sem dúvida, mas Miriam ficou séria. Não queria nem pensar no que seu tio Edward diria, quando fosse abordado no Castelo de Windsor. Na certa se recusaria a falar sobre ela, a não ser para denunciá-la como impostora.

— De repente a senhorita me pareceu preocupada — observou o duque. — Não posso crer que esteja com medo de se sentir mareada.

— Claro que não — Miriam se apressou a negar. — Para ser franca, estava tentando recordar uma das palavras que o barão acabou de me ensinar.

— Estou à sua disposição — ofereceu-se imediatamente o barão —, para lhe ensinar tudo o que desejar aprender. Entretanto, como minhas pernas não são mais tão fortes como costumavam ser, peço que me desculpe por não acompanhá-la e ao duque no passeio pelo iate.

O mar estava calmo, mas como o iate se movia em vela cidade recorde, o que ela só veio a saber mais tarde, a água chegava a jorrar sobre a proa.

O sol incidia sobre as pequenas gotas e lhes emprestava o brilho dos diamantes.

— Não posso acreditar que realmente quase não tenha viajado por mar — o duque murmurou conforme caminhavam e ele indicava os modernos recursos com que contava.

— Eu estava estudando — Miriam respondeu como se fosse Charlotte.

— É claro — respondeu o duque. — Vivo me esquecendo do quanto ainda é jovem. Confesso que isso se deve à minha surpresa por seu conhecimento de línguas estrangeiras, o que não é comum entre os ingleses.

Miriam riu.

— Sem dúvida. Nosso povo tem uma certa inclinação para desconfiar daqueles que falam outras línguas. Mas os outros países sempre me interessaram e também os livros. Meu pai e eu lemos e conversamos muito. Acho que é por isso que aprendo os idiomas estrangeiros com tanta facilidade.

Mais um erro, Miriam pensou. Não deveria ter citado seu pai. Seu tio Edward nunca se interessara pela história dos outros países. Ele até se queixava, quando era obrigado a receber diplomatas, pois considerava isso uma perda de seu precioso tempo.

"Estão sempre tentando tirar alguma vantagem de nós", o tio costumava dizer.

— Como acaba de afirmar que gosta de livros, creio que apreciará o fato de contarmos com uma biblioteca a bordo. E pequena, mas tenho planos de aumentá-la a medida que visito um país diferente.

— Oh, que maravilha! Posso ver seus livros e, talvez, escolher algum para ler? Precisei arrumar minha bagagem com tanta pressa que acabei me esquecendo de trazer o livro que estava lendo.

— Posso perguntar qual era?

Miriam hesitou por um momento, mas como fora educada para dizer a verdade, respondeu em seguida:

— E um livro que aponta a falta de iniciativa mostrada por vários czares em não tornarem a Rússia mais próspera através da expansão pelo mundo.

O duque a encarou, surpreso.

— Sei de que livro está falando, mas se não me engano ele ainda não foi traduzido para outros idiomas.

— Eu estou lendo o original, ou melhor, tentando ler. Admito que tenho dificuldade em entender uma série de palavras e expressões que o autor usa, pois por serem gírias não são encontradas nos dicionários.

— A senhorita é admirável! — o duque exclamou. — Agora estou mais ansioso ainda para lhe mostrar minha biblioteca.

— Será ótimo, mas antes eu gostaria que me explicasse o funcionamento deste magnífico iate e também me apresentasse aqueles que são responsáveis por seus cuidados.

Ela havia se preparado, antes de embarcar, no sentido de refletir sobre o comportamento que deveria assumir durante a viagem. Se estava destinada a ser a futura noiva de um príncipe, a tripulação deveria lhe ser apresentada. A etiqueta exigia que apertasse a mão do capitão e de todos os oficiais.

Com evidente assombro, o duque apresentou-a aos oficiais que demonstraram grande satisfação ao serem elogiados em seu trabalho.

O capitão, por sua vez, mostrou-se encantado quando Miriam manifestou interesse em conhecer os diagramas.

Passava do meio-dia quando o duque propôs sentarem-se no deque e tomarem uma taça de champanhe antes do almoço.

— Aborreci-o com tantas perguntas? — Miriam indagou, preocupada.

— De forma alguma. O capitão e todos os oficiais apreciaram muito seu interesse. Na maioria das vezes, meus convidados conversam comigo apenas e não dão importância a eles.

— Considero uma falta de delicadeza — Miriam retrucou.

— Nunca estive em Saionga — o duque confessou, rindo —, mas tenho o vago pressentimento de que o pessoal de lá terá uma grata surpresa.

Sem parar para pensar no comentário, Miriam prosseguiu.

— E de vital importância que a Rússia não consiga dominar Saionga e forçar um acesso ao Mar Egeu.

— Sim. Já basta eles terem se infiltrado na Sérvia.

— Não entendo por que o Primeiro Ministro e o Gabinete demoraram tanto a obedecer os ditames de Vossa Majestade.

O duque ficou calado por um momento.

— Realmente a preocupa, sendo tão linda e tão jovem, que Saionga possa ser dominada pelos russos?

— Claro que me preocupo. Como o senhor deve saber, os russos não estão interessados apenas nos Bálcãs, mas em se apossarem da Índia, também, pela Ásia.

— Como pode estar informada disso? Há pouco mais de um mês, quando comentei esse mesmo assunto com seu pai, ele me acusou de estar falando bobagens.

Uma atitude típica de seu tio Edward, Miriam pensou, que se preocupava mais com os cavalos da rainha, devido a sua função de Mestre da Cavalaria, do que com a importância da supremacia inglesa nas demais partes do mundo.

Fora seu pai quem lhe contara. O assunto fora debatido noite após noite, pois ele tinha conhecimento de causa após viver algum tempo na Índia.

Não houve oportunidade de continuarem a falar sobre aquele problema devido à súbita chegada do barão.

— Eu estive desfazendo minhas malas — ele explicou —, e encontrei algo para a Srta. Miriam que, espero, lhe seja útil.

— Um dicionário! — ela exclamou, agradecida.

— Ele a ajudará a compreender a língua do meu povo. É um bom dicionário. Explica, também, a origem de diversas de nossas palavras.

— Oh, muito obrigada. Era exatamente o que eu estava precisando. Que sorte a minha o senhor ter trazido um!

Havia tanta sinceridade na voz de Miriam que o duque ficou intrigado. Sentia dificuldade em entender como uma jovem tão linda, de apenas dezoito anos, podia ser tão inteligente e tão culta.

A conversa prosseguiu animada até a tarde.

Ela fazia muitas perguntas ao barão, o duque notou. Estranho que não mencionasse o príncipe nem uma única vez.

Foi só ao anoitecer que o duque conseguiu ficar novamente sozinho com Miriam.

Após o almoço, ele havia se desculpado por ter se comprometido a jogar uma partida de tênis com um dos oficiais.

— É bom para ele, que pediu que eu o ensinasse a jogar, e também para mim, porque preciso me exercitar.

— Por favor, jogue uma partida comigo também — Miriam pedira.

— Sabe jogar? — o duque perguntou, cada vez mais surpreso.

— Um pouco.

— Está bem, mas prometa que me avisará caso se sinta cansada.

— Combinado.

Miriam adorava jogar, ao contrário de Charlotte, e causou uma boa impressão com seu desempenho. Terminada a partida, o duque a convidou para um copo de limonada.

— Você não para de me surpreender. Temo que, quando chegarmos a Saionga, você estará se queixando de que eu não sou bom o suficiente para acompanhá-la.

— Está zombando de mim — Miriam protestou, em tom de brincadeira. — Sabe muito bem que sou uma principiante. Mas como acho o tênis um esporte muito excitante, prometo que tentarei me tornar uma desafiante à sua altura, antes de deixar este maravilhoso iate.

O duque a fitou de um modo estranho, ela teve a impressão.

— Já pensou bem no compromisso que assumirá ao se casar com o príncipe Nikita?

Era o tipo da pergunta que ela temia e que a deixava aflita. Não queria mentir. Por outro lado, era óbvio que sua decisão em aceitar se casar com um homem, que nunca vira, despertaria a curiosidade do duque e também do barão.

No mínimo, para esposa de um príncipe regente, eles esperavam uma jovem simples e tímida, uma candidata à solteirona.

Para escapar da pergunta, que não estava preparada para responder, fez uma outra ao duque.

— Como é o príncipe? Creio que você já o conhece e que foi por essa razão que a rainha lhe deu ordens para me levar em seu iate.

— A verdade é que eu era a única pessoa na corte, naquele momento, que possuía um iate, e que estava em condições de empreender uma viagem na data que fosse

necessária. O problema era que a maioria dos navios de guerra e cruzadores já haviam zarpado para o Mar Egeu.

— E com que sucesso! — Miriam exclamou. — Quando nos contaram, no ano passado, que a armada russa havia recuado, apesar de estar a apenas seis milhas de Constantinopla, meu pai e eu exultamos.

Mais um erro, Miriam percebeu. Falara sobre seu pai e não sobre seu tio.

Se o duque conhecesse seu tio Edward saberia que não era homem de demonstrar qualquer emoção.

— Tenho uma grande admiração por Vossa Majestade — afirmou o duque. — Não fosse por ela, Constantinopla realmente haveria caído em mãos russas.

— É por isso que precisamos impedi-los de alguma forma de se apossarem de Saionga — Miriam declarou. — Desculpe minha franqueza, mas eu não posso evitar o pensamento de que teria sido mais prudente enviarem um navio de guerra e não um iate desarmado.

— Está me dizendo que meu iate não os impressionará?

— Claro que impressionará. Nada pode ser mais bonito do que seu iate. O problema é que ele não dispõe de armas e os russos poderão tentar conquistá-lo à força, matando todos os seus tripulantes.

— Você acredita seriamente nisso ou está imaginando a situação?

— Estou afirmando com segurança — Miriam retrucou. — Depois de tudo que já li e ouvi sobre a ameaça russa, acho um erro confiar que uma jovem, embora corra sangue real em suas veias, possa intimidar o czar.

— Você pode ter razão. Concordo que deveremos ter cuidado.

— Se quer saber minha opinião, a rainha decidiu que era preciso fazer alguma coisa por Saionga. Como não tinha meios para isso, resolveu nos mandar para cá.

— Na sua opinião, estamos aqui apenas porque ela não tinha nenhum navio de guerra disponível naquele momento. Se os russos não recuarem imediatamente após nossa chegada, Saionga terá de sair sozinha dessa situação. Para a rainha, o país não é importante o suficiente para o envio de tropas inglesas.

— Exatamente. Embora Saionga seja importante, duvido que muita gente, fora dos Bálcãs, tenha ouvido falar sobre sua existência.

— Você está me assustando — o duque se queixou, com um sorriso.

Miriam se deu conta de que estava conversando com ele do mesmo modo que conversava com seu pai. Ao mesmo tempo, pensava que o tio, em sua obsessão de ver Charlotte casada com um príncipe, praticamente obrigara a rainha a oferecê-la como noiva de Nikita de Saionga.

— O que sugere que eu faça? — ele perguntou. — Que desembarque no primeiro porto e compre um canhão? Ou de vemos apenas esperar que nossa bandeira afugente os russos, quando chegarmos?

— Você está fazendo pouco caso de mim! — Miriam protestou. — É claro que eu também espero que tudo corra bem. Só acho que não faria mal nenhum se estivéssemos preparados, caso os russos resolvam resistir.

— Agora entendo porque você me pareceu tensa esta manhã, durante o desjejum.

Era verdade que estivera tensa, mas por medo de conhecer o duque e o barão. Medo de cometer um erro e também de ser reconhecida. No entanto, o barão se apresentara como um homem simpático e prestativo, e o duque se revelara uma pessoa completamente diferente do que ela imaginara. Deveria ser muito difícil para ele, jovem e atraente, ter uma esposa doente. Não era de se admirar que apreciasse a companhia de outras mulheres. Não o culpava.

Fora uma tola em assustá-lo. Em vez de lhe dizer o que pensava, deveria ter dito aquilo que ele queria ouvir. Mas achara-o tão diferente dos rapazes com quem dançara

em Londres, que não pudera resistir a lhe desafiar a inteligência, assim como fazia com seu próprio pai.

Ainda naquela tarde, o duque a chamou para mais um jogo de tênis.

— Estive pensando no que me disse e acho que você tem razão. Talvez estejamos conduzindo o assunto com demasiada casualidade.

— Por favor, não se deixe impressionar por minhas palavras.

— Eu gostei de sua maneira de se explicar — o duque respondeu. — E agradável ter alguém inteligente com quem falar. Para ser sincero, eu não esperava algo assim quando subi a bordo.

— O que esperava?

— Duas ou três semanas de completo tédio. Com duas mulheres que estariam, provavelmente, enjoadas, e com um homem mais velho, admirado demais com minha posição social, para se portar com naturalidade.

Miriam riu e o duque a imitou.

— Não posso acreditar que você seja real. Parece mais uma professora de faculdade e eu não sei se estou sobre meus pés ou de cabeça virada para baixo.

— E melhor que esteja com os pés no chão para poder correr.

— Você não vai me assustar — o duque respondeu. — A rainha já enviou vários membros de sua família, e do príncipe Albert, para se sentarem nos tronos de principados europeus de menor importância. Por mais extraordinário que possa parecer, os russos sempre recuaram.

— É claro que recuaram! Perderam uma porção de homens! Mas isso não significa que desistirão de seu intento, sem lutar. E se eles afastarem o príncipe Nikita, Vossa Majestade não poderá fazer nada.

— Está insinuando que eles podem matar o príncipe?

— Como podemos ter certeza? Ninguém sabe o que realmente aconteceu nos principados que eles dominaram.

— E verdade — o duque acabou admitindo.

— Fale-me sobre o príncipe — Miriam pediu. — Conhece-o bem?

— Já me encontrei com ele várias vezes. A última foi em Paris.

— Paris?

— Digamos que ambos estávamos nos divertindo, incógnitos.

— Eu já ouvi rumores a respeito dessa inclinação de vocês para a diversão.

— Rumores não faltam em parte alguma do mundo — queixou-se o duque. — A única solução seria estabelecermos um decreto para que as línguas dos culpados fossem cortadas.

— Seria preciso emudecer quase toda a população — Miriam riu. — E eu duvido que o uso de violência impediria o povo de falar.

— Valeria a pena tentar — o duque replicou, sarcástico.

— Não entendo por que o incomoda tanto ser alvo de comentários. Afinal é um duque, é rico e bonito.

Miriam cogitou em acrescentar que era livre, mas se lembrou da esposa doente e se deteve.

— Você estava para dizer que também sou livre para me divertir o quanto desejar.

— Sim — Miriam concordou, constrangida.

— Mas não sou plenamente livre.

Havia amargura em sua voz e Miriam sentiu pena. Deveria ser horrível casar-se sem amor, e mais ainda, por obrigação.

— Por tudo que aconteceu comigo — o duque continuou como se estivesse se defendendo contra um mundo hostil —, não pretendo tornar a me casar, aconteça o que acontecer no futuro.

— Mais uma vez ele não havia lhe contado nada sobre o príncipe, e sim sobre si mesmo.

— Você fala assim porque nunca esteve apaixonado.

— O que está querendo dizer com isso? — ele indagou, ríspido.

— Exatamente o que disse. O amor, quando acontece, é irresistível. Se é verdadeiro, nada mais importa. Sacrifica-se tudo por ele e é preferível morrer a perdê-lo.

Ela estava pensando em Charlotte enquanto falava. A prima desistira de tudo para se casar com John.

O duque ficou calado por alguns momentos, e quando voltou a falar, sua voz estava diferente.

— Não posso acreditar. Não posso estar conversando com uma garota que acaba de sair da escola, e que me fala como se tivesse o dobro da minha idade, e se importasse com minha felicidade.

— Embora eu acabe de conhecê-lo, realmente gostaria que fosse feliz. Mas na minha opinião, a verdadeira felicidade só acontece quando se encontra o amor que nasce da alma e do coração, e que é mais importante do que tudo.

Assim que terminou de dizer aquelas palavras, o duque se levantou e se afastou para se debruçar sobre uma balaustrada e mirar as ondas que se formavam com a passagem do iate.

"Eu o ofendi", Miriam pensou. "Como pude ser tão estúpida para lhe falar de assuntos pessoais, como o amor, ciente de que sua esposa é uma inválida?"

Ela permaneceu no deque por um longo tempo. Como ele não voltasse, retornou para sua cabine. A primeira coisa que viu, sobre a mesa de cabeceira, foi o dicionário que o barão lhe havia prometido, e mais três livros.

Um era sobre a Grécia, o outro sobre a Itália, e o terceiro sobre a Rússia.

O duque deveria tê-los escolhido e ela se sentiu muito grata a ambos os homens.

— O duque é mais gentil e sensível do que eu imaginava. Preciso ter muito cuidado para não tornar a magoá-lo.

Para o jantar, escolheu um dos vestidos que pertencera a Charlotte, e penteou os cabelos naturalmente ondulados com capricho. Depois olhou-se no espelho sobre a penteadeira e se sentiu bonita. Era o que queria.

Jamais lhe passara pela cabeça que poderia se divertir naquela viagem e ela estava se revelando muito interessante. O que mais a agradava, acima de tudo, era a companhia do duque. Ele jogara tênis com ela, emprestara-lhe livros e conversara sobre os mais diversos assuntos. Mas não admitira falar sobre o amor. Estaria sofrendo por amar a esposa doente? Ou se sentia preso a um compromisso?

Era comum que dois pais fizessem acordos sobre o destino de seus filhos. O que eles não paravam para pensar, era que essas criaturas deveriam ter o direito de escolher seus próprios maridos e esposas.

Seria possível que o duque houvesse se apaixonado por outra mulher enquanto a mulher estava hospitalizada? Não um caso passageiro como o príncipe de Gales costumava manter com as artistas e cortesãs, mas um romance profundo?

Nesse caso, ele deveria se sentir muito só, apesar de sua importância social.

Sim, ela sentia pena. Seu pai também se sentia muita só desde o falecimento de sua mãe, e sofria. Nem seu trabalho, nem seus cavalos, família, ou filha poderiam compensá-lo da perda.

Por um longo tempo, Miriam o vira perambular pela casa como se o coração e a alma o houvessem desertado. Movia-se como um autômato, e trabalhava da mesma forma.

Apenas o tempo conseguiu ajudá-lo. Mas ainda hoje, ao se recolher, ela sabia que sentia-se só.

"O duque deve sentir a mesma coisa. Preciso ajudá-lo. Ao menos tentarei tornar esta viagem divertida e interessante para ele".

Miriam se lembrou, então, de que seu propósito em breve cairia por terra. Seria inevitável contar a verdade. Não era Charlotte.

O duque se sentiria insultado por sua mentira. Pior ainda. Ele a acusaria de tê-lo feito de bobo. E também ao barão.

Provavelmente não tornariam a lhe dirigir a palavra. Tinha quase certeza de que a colocariam no primeiro navio que estivesse de partida para a Inglaterra.

— E melhor eu não ficar pensando — Miriam falou consigo mesma.

Mas era inevitável.

Ao chegar à sala de refeições, olhou para o duque com ansiedade. Se ele estava aborrecido, não deu demonstração.

— Temos um bom motivo para nos sentirmos felizes esta noite. Amanhã alcançaremos a Baía de Biscaia.

O barão resmungou.

— A última vez o mar estava tão bravo que era impossível sair ao deque sem se molhar.

— O senhor não quer nos assustar, não é? — Miriam protestou. — De qualquer modo, poderemos colocar uma capa. Seria uma pena se tivéssemos de ficar trancados em nossas cabines.

— Já vi muitos homens, bem mais fortes do que você, obrigados a isso — comentou o duque com um olhar maroto.

Ainda não haviam acabado de comer e já estavam discutindo sobre a história francesa, e, mais especificamente, sobre a batalha de Waterloo.

— O que sempre me espantou — Miriam confidenciou — foi o erro de cálculo por parte de Napoleão Bonaparte, um homem extremamente inteligente, em expor seus homens à violência e ao rigor do inverno russo.

— Essa ignorância lhe custou a metade dos homens. Se os soldados houvessem sobrevivido, Napoleão teria sido o vencedor em Waterloo.

Como Miriam não concordasse com a opinião do duque, o debate prosseguiu durante um longo tempo, para o prazer de ambos e incômodo do barão.

— Vocês são cultos demais para mim. Sempre que os ouço, sinto-me um ignorante que deveria ter estudado mais sobre história.

— Se quer aprender, fique e nos ouça, então — brincou o duque.

— Meu cérebro cansado prefere dormir, se não se importam - respondeu o barão.

Tanto Miriam quanto o duque insistiram que ele mudasse de ideia, mas o homem realmente se foi para a cabine.

— Acho que fomos rudes com ele em não inclui-lo em nossa pequena discussão.

— Para ser franca, eu havia me esquecido que ele estava aqui. Gosto tanto de conversar com você.

— Eu confesso que nunca conversei antes com uma mulher. Você é encantadora e original e, permita-me dizer, tão bonita que nem precisaria de um cérebro.

— Agradeço o elogio — Miriam respondeu, suspirando —, mas quanto mais converso com você, mais percebo que ainda tenho muito a aprender.

— E depois de aprender tudo o que deseja, o que fará com tanto conhecimento? — o duque indagou inesperadamente.

— Farei o mesmo que você fez na quadra de tênis. Encontrarei alguém para dividir comigo essa predileção.

— E se não encontrar ninguém?

Miriam deu de ombros.

— Ficarei triste, eu acho. Talvez como os escritores.

— Escritores?

— Eles são donos de profundos conhecimentos. Quando não conseguem ser ouvidos, escrevem um livro que exponha seus pontos de vista.

— Você sempre tem uma resposta para tudo — comentou o duque, rindo. — Agora vou levá-la à biblioteca. Quero observar cada movimento seu. Quando surpreender um brilho diferente em seus olhos, saberei qual o livro que deverei ler antes de você me desafiar com perguntas.

— Eu estava ansiosa por conhecê-la, mas estava com medo de parecer inconveniente se pedisse para ir até lá.

— Se eu tomasse esse tipo de atitude, você esperaria o cair da noite para se esgueirar até lá e roubar o livro que mais a atraísse. A verdade, lady Charlotte, é que não confio nem um pouco em você quando se trata de tirar vantagem de mim.

Miriam riu com prazer enquanto o acompanhava em direção à cabine que havia sido transformada em uma biblioteca especial. Durante todo o trajeto não conseguia parar de pensar que gostaria que aquela viagem nunca terminasse, ou que, ao menos, não chegassem a Saionga tão depressa quanto o capitão e o duque esperavam.

Sua felicidade acabaria. Chegaria o momento da verdade.

CAPÍTULO 4

As águas estavam tão agitadas, na baía de Biscaia, quanto a tripulação esperava, mas Miriam apreciou cada momento da travessia.

O perigo era tanto que todos ficaram proibidos de sair ao deque ao atingirem o largo.

Até lá, não fosse o duque lhe emprestar uma capa, teria ficado totalmente molhada.

A beleza das ondas, especialmente nos instantes em que o sol penetrava pelas nuvens, era indescritível.

— Se eu fosse uma poetisa, grega em especial, escreveria sobre este lugar e sobre as pessoas que aqui vem para admirar as ondas.

— A maioria das mulheres fugiria delas — observou o duque.

— Fala isso por experiência ou está generalizando? — Miriam o provocou.

— Sei por experiência que todas as mulheres são cansativas - respondeu o duque.

— Ou se queixam de tudo ou querem que todos se atirem aos seus pés.

Miriam riu.

— Se está se referindo às mulheres que conheceu em Londres, eu lhe dou toda a razão.

— Suponho que esteja esperando eu lhe dizer que é diferente.

— Espero que sim. Afinal levo uma vida agitada e não tenho tempo de pensar em mim mesma.

Charlotte, é claro, não teria dito aquelas palavras, e ela procurou mudar rapidamente de assunto.

— Deixe-me admirar a beleza do mar. Ele está tão selvagem que parece querer desafiar o Sereia. Eu considero, aliás, muito romântico o nome com que batizou seu iate. Deve sentir orgulho dele.

O duque falava sobre o iate sempre que encontrava uma oportunidade. Como não tinha filhos, nem uma esposa para amar, havia concentrado grande parte de sua atenção naquele navio. Muitos homens faziam isso. A maioria, entretanto, preferia entregar o coração a seus cavalos ou cães.

— Por que diz isso?

— Estava pensando no quanto ele lhe significa. Você se dedica ao seu iate como outros homens se dedicam a seus cavalos.

— Também gosto dos meus cavalos. Possuo alguns excelentes, de sangue árabe.

— Gostaria de vê-los.

Mais uma vez Miriam se arrependeu de sua impetuosidade. Falara quase como se estivesse forçando um convite. Apressou-se a dizer.

— Isso será impossível, é claro, se eu não estiver na Inglaterra.

Embora se tratasse de uma mentira branca, Miriam sentiu-se corar. Mentir era contra seus princípios. Seu pai lhe ensinara que as mentiras brancas eram permissíveis, às vezes, caso se estivesse protegendo, ajudando ou confortando alguém. As mentiras ordinárias, contudo, eram desprezíveis e covardes.

— Você está contente com a perspectiva de passar o resto de sua vida em um país estranho, do qual nada conhece, e com um homem que nunca viu?

— Não quero falar sobre esse assunto — Miriam retrucou.

— Mas eu quero, ou não o teria mencionado — o duque insistiu. — Pensei que minha missão fosse levar a Saionga uma mulher enfadonha que não tivesse mais nada a oferecer além de um trono. Agora que a conheci, sei que, embora não admita, deseja muito mais da vida.

— Em outras palavras, você está dizendo que eu desejo o amor. E verdade. Só que nunca o encontrei.

Não era exatamente o que o duque tinha em mente, mas ele reconhecia que para Miriam o amor significava algo muito diferente do que as outras mulheres pensavam.

Ele, por exemplo, fora perseguido como um grande partido matrimonial desde que terminara os estudos em Eton. E o pai mal pudera esperar que crescesse para unir sua família com outra ainda mais importante.

Fora um tolo em se deixar cair na armadilha que o pai lhe armara. Deveria ter suspeitado, também, da anormal ansiedade da família de Henrietta em ver a garota casada.

Por possuir sangue azul nas veias, seu pai a recebera de braços abertos e providenciara o enlace antes que o filho se desse conta do que estava acontecendo.

Conforme ele próprio dizia, fora "carregado para o altar".

Pouco mais de um mês havia se passado quando Henrietta sofreu seu primeiro ataque. Ele ficou apavorado. A camareira, que ela trouxera para a lua-de-mel, aparentemente estava acostumada. Afastou-o do quarto e deu a ela um remédio que a deixou inconsciente por quase uma semana.

Após esse prazo a esposa voltou a lhe fazer companhia, mas nesse período foi possível constatar que pouco tinham em comum.

Um mês depois, Henrietta sofreu um outro ataque. E logo outro.

Foi então que ele resolveu consultar o médico da família. Pelo diagnóstico, Henrietta nunca deveria ter se casado pois era doente psiquicamente e apresentava evidentes sintomas de uma dupla personalidade.

Era tarde demais para recriminações. Tarde demais para ele culpar alguém exceto a si mesmo. Permitira que o pai o empuhasse a um casamento de interesse. Permitira que a família de Henrietta lhe escondesse a verdade.

Os períodos de inconsciência foram se tornando mais e mais frequentes e ele mais convicto de que, embora jovem, não poderia jamais levar uma vida normal com a esposa. Muito menos gerar um filho.

O que lhe acontecera seria o suficiente para destruir qualquer homem. Somente através de sua excepcional inteligência e força de vontade conseguira continuar vivendo sua própria vida. Não suportava a piedade dos parentes nem a compaixão dos amigos. Recusava-se a falar sobre sua vida particular.

Moravam em casas separadas, ele e a esposa, e ela era proibida de receber visitas. Poucas pessoas conheciam a verdade em sua brutal totalidade.

O duque foi se tornando um homem amargo e descrente das mulheres, embora não culpasse Henrietta, que fora apenas um brinquedo nas mãos do pai, assim como ele. Mas, se algum dia ficasse livre, jurara a si mesmo que nunca tornaria a se casar.

Bastava-lhe divertir-se com as mulheres que se ofereciam e que eram muitas. Todas desprezíveis, ele considerava, no fundo. Interessavam-se apenas pelo prazer que um homem poderia lhes dar, e não por ele realmente.

Assim mesmo, o duque era muito generoso com aquelas que lhe prestavam seus favores. Comprava-lhes valiosas jóias e presentes. E elas se mostravam gratas, mesmo que ele lhes dedicasse apenas um pouco do seu tempo e quase nada de si mesmo.

Algumas chegavam a se apaixonar, mas nunca choravam ou se enfureciam quando era o momento de se dizerem adeus, pois sabiam que isso aconteceria, mais cedo ou mais tarde, assim como acontecera com todas as outras amantes que as haviam precedido.

A última pedira que continuassem amigos para sempre, e ele concordara, por achá-la sensível, mesmo ciente de que nunca mais a procuraria.

O iate se afastou da baía de Biscaia.

Nesse momento, o duque refletiu que nunca havia conhecido uma mulher como Miriam. O mais incrível era que a estivesse escoltando para um país distante, onde um estranho a queria para esposa.

Parecia-lhe mais do que curioso que uma jovem de apenas dezoito anos, que mal havia debutado em Londres, e que não sabia sequer flertar, fosse aceitar esse destino.

Não conseguiu conciliar o sono aquela noite de tanto pensar.

Em vez de tentar seduzi-lo como as outras, Miriam gostava de fazer o oposto: discutir.

Procurou se lembrar dos assuntos comentados durante aquele dia, todos sérios. Miriam estimulava seu cérebro e não apenas seu corpo. As vezes lhe parecia uma professora especializada em sociologia ou filosofia.

— Como pode saber tanto? — ele perguntou a si mesmo.

Na noite seguinte, Sereia estava ancorado em uma baía na costa de Portugal, onde o mar era calmo e tranquilo.

Mais uma noite insone. Não conseguia conceber por que ele se encontrava em uma cabine e Miriam em outra.

Fosse outra a ocasião, ele teria uma mulher nos braços para passar a noite.

Miriam, porém, era virgem, sem nenhuma experiência com os homens. Tinha certeza disso. O príncipe seria delicado com ela? Entenderia que Miriam era uma garota pura e inocente?

Com raiva de si mesmo, ordenou-se a não pensar mais no assunto, que não lhe dizia respeito.

Assim que entregasse Miriam ao príncipe Nikita, não deveria mais pensar que ela existia.

Mas era forçoso reconhecer que ele estava adorando aquela viagem, de uma forma inesperada. Quando a rainha insistira para que levasse lady Charlotte a Saionga, sentira-se irritado e contrariado.

— Infelizmente, Majestade, será muito difícil cancelar todos meus compromissos e me afastar de casa nesta época em particular.

Os compromissos eram as corridas clássicas em que ele inscrevera alguns de seus cavalos, e também um novo romance, algo que não poderia dizer à rainha.

Tratava-se de uma atraente mulher casada cujo marido estava convenientemente na Espanha, em viagem de negócios.

— Meu caro duque — respondera a rainha Victória — você é a única pessoa disponível no momento que possui um iate veloz. Como deve saber, uma vez que até os jornais já mencionaram o fato, o seu iate é superior a todos os demais. Por essa razão, é o único em condições de chegar rapidamente a Saionga. Tenho certeza de que seus compromissos, com homens ou mulheres, poderão esperar até seu regresso.

A rainha, ele deveria ter desconfiado, sempre estava a par de tudo o que se passava não só no país como na intimidade da corte. Seu modo de olhar e de falar indicava que estava ciente de seu novo caso amoroso. E que o desaprovava.

Não lhe restava escolha, portanto. Só poderia desejar que a missão fosse rápida e que estivesse de volta o mais breve possível.

Chegaram a Gibraltar e ele ordenou que aportassem, pois sabia que Miriam adoraria conhecer o lugar.

— Julguei que tivéssemos suprimentos suficientes até chegarmos a Malta, milorde — observou o capitão.

— Não estou preocupado com os suprimentos — respondeu o duque. — Desconfio, porém, que possam haver cartas à minha espera na sede do governo.

O capitão sugeriu que mandassem um mensageiro de forma a não se demorarem mais do que o necessário, mas o duque ignorou suas palavras.

Agradar Miriam era mais importante.

Ela ficou fascinada com Gibraltar, seus macaquinhos espalhados pela cidade, e suas lojas que vendiam artigos de quase todas as partes do mundo.

O que mais a atraiu foram os xales bordados da China e do Japão.

Notando seu interesse, o duque automaticamente lhe comprou um.

— Não deveria ter me comprado nada — Miriam protestou.

— Eu só estava admirando os xales por causa dos bordados. Soube que eles são feitos por meninos.

— E verdade. Gostaria de vê-la usando um.

— Mas não posso aceitar esse presente. Não quando parece que lhe pedi para comprá-lo.

O duque pestanejou. Estava tão acostumado a ser levado às joalherias de Bond Street, como se por acaso, que comprara o xale de forma automática, sem refletir.

As mulheres o levavam para diante das vitrines e suspiravam.

— Essa jóia ficaria maravilhosa com meu vestido, mas não tenho dinheiro para comprá-la.

Ele, então, as convidava a entrar e lhes comprava a jóia.

Conhecia cada um dos truques. Era por ser experiente, portanto, que tinha certeza de que esse tipo de ideia jamais havia ocorrido a Miriam.

Ela agradeceu muitas vezes, visivelmente constrangida, e colocou o xale sobre os ombros, de onde não os tirou até voltarem ao iate.

— Agora preciso pensar em algo para lhe dar. Acredito que não será fácil me decidir, pois você tem tudo.

— Seria triste se fosse verdade. Significaria que eu não teria nada com que sonhar, nada por que lutar, e nada com quem discutir.

— Você está caçoando de mim — Miriam protestou, rindo. — Mas mais cedo ou mais tarde eu acabarei encontrando algo que você queira. A menos que custe muito caro, eu lhe darei.

Se Miriam fosse uma das mulheres que conhecera em Londres, o duque pensou, ela lhe teria dito.

"O que tenho para lhe dar não pode ser comprado com dinheiro, mas vale mais do que um milhão de libras".

Depois de fingir raciocinar por um minuto, Miriam prosseguiu:

— Embora você não queira admitir, eu acho que está sonhando com algo que não se relaciona com dinheiro, mas com a mente e o coração.

— Como pode saber o que estou pensando?

— E como você pode dizer que estou enganada? Todos nós temos sonhos impossíveis. Alguns sonham até em encontrar o fim do horizonte, pois creem que lá existe algo maravilhoso e diferente de tudo que conhecem.

O duque cogitou que Miriam estava falando mais sobre si mesma do que sobre ele e não insistiu.

O sol brilhava sobre o Mediterrâneo e fazia demasiado calor para jogarem tênis. Sentaram-se no deque e tomaram champanhe gelado com frutas frescas, compradas em Gibraltar.

— Você está ficando boa demais para meu gosto — o duque caçoou, referindo-se ao jogo de tênis. — Pretendo chamar meu parceiro usual para a próxima partida, para que não precise quase me matar para conquistar a vitória.

No dia seguinte, porém, tornaram a jogar e ela ganhou.

— Consegui! Consegui! Agitem as bandeiras em minha homenagem ou cantem o Hino Nacional!

— Não entendo como foi que aconteceu — resmungou o duque. — Deve ter sido um mero acidente; algo que não se repetirá.

— Se eu tivesse uma bola na minha mão, a atiraria em você! — Miriam protestou. — - Seja bonzinho e generoso e diga que joguei tão bem que você ficou orgulhoso em me ter como aluna.

O duque riu e balançou a cabeça. Queria que o tempo parasse. Embora devesse recusar, sua maior vontade era seguir a sugestão de Miriam e visitar Roma.

— Não ouse atrasar a viagem — ele dissera. — Compreendo sua relutância em chegar a Saionga, mas tente pensar nas pessoas que acreditam que só a sua presença os salvará.

Miriam empalideceu. Quando o duque falava daquela forma, sentia-se temerosa de sua reação quando lhe explicasse que não era a noiva tão esperada.

Se a verdade fosse conhecida, inclusive, os russos poderiam incitar rapidamente uma revolução. Na ideia deles, que sem dúvida era correta, ela não era importante o suficiente para os ingleses enviarem tropas para protegê-la e também ao príncipe.

— O que foi que a entristeceu de repente? — o príncipe indagou. — Seus olhos apresentam outra vez aquela expressão de medo que detectei no momento de sua chegada.

— Não deve tentar adivinhar meus sentimentos — Miriam protestou. — Mas, se quer realmente saber, estou triste porque estou me divertindo e não quero que esta viagem termine.

— Pense que sempre há a esperança de que o amanhã será melhor do que hoje.

Agora ele estava se referindo a sua própria pessoa. Casara-se com Henrietta e fora infeliz, mas conseguira recuperar sua vida.

— Eu tenho algo a lhe pedir — ela murmurou. — Por favor, diga que sim.

— O que deseja?

Nem por um minuto ele adivinharia a espécie de pedido que Miriam tinha em mente.

— Pelo que vi no mapa, nosso próximo e último porto de parada será Atenas. Como o lugar representa muito para mim, você permitiria, nem que fosse por alguns minutos, que o capitão aportasse? Bastaria eu poder pisar no solo de Atenas para me lembrar dessa ventura pelo resto da minha vida, aconteça o que acontecer.

— A Grécia é tão importante assim para você? — o duque indagou, surpreso.

— Tanto que é impossível traduzir em palavras — Miriam respondeu. — Por favor, me conceda esses minutos na terra sobre a qual tanto li e sonhei.

Dois dias depois, quando o iate se aproximava da Grécia, o duque, que não tomara a comentar o assunto, dissera:

— Amanhã ao meio-dia estaremos em Atenas. Como não dispomos de muito tempo, quero que me conte o que deseja ver.

— Oh, obrigada! — Miriam agradecera, comovida.

Tivesse lhe dado um colar de diamantes, ela não estaria tão contente.

— Por que a Grécia lhe significa tanto? — quis saber, curioso, enquanto jogavam uma partida de gamão.

— É uma pergunta difícil de ser respondida. Talvez porque devemos à Grécia o início da razão.

Era uma resposta, sem dúvida, que nenhuma outra mulher lhe teria dado.

Seu pai teria dito que não haveria religião sem a influência dos filósofos gregos e de sua doutrina antiga, mas ela achou um erro seguir essa linha de raciocínio.

— O que eu gostaria de ver mais do que qualquer outra coisa é a luz da Grécia, que dizem ser diferente das luzes do resto do mundo.

— A luz? — o duque repetiu como se não tivesse ouvido direito.

— Se você já leu descrições sobre a Grécia, sabe que a luz da Grécia parece ter vida própria. Dizem que talvez venha do mar. Foi por isso que prestei tanta atenção nas ondas da Baía de Biscoia. Mas não vi nada além da lua refletida nas águas.

— Engraçado, eu já estive tantas vezes na Grécia e nunca percebi nada de diferente. Talvez por causa da pressa.

— Para os gregos antigos a luz era tão viva que personificava um deus chamado Apolo.

— Sim, é claro, eu aprendi a respeito.

— Apoio era o deus da luz divina. O povo acreditava que era ele quem iluminava o céu com seu corpo brilhante, e que era ele o responsável pelo crescimento das sementes. Era a luz que desafiava os poderes das trevas.

O duque se comoveu com o modo de Miriam falar. Nunca conhecera uma mulher que falasse de algo abstrato de forma tão concreta.

— A maioria dos deuses desapareceu — Miriam continuou, como se estivesse sozinha —, mas Apolo permanece. Ele sempre estará presente onde houver luz. E isso que gostaria de ver e sentir.

— Eu a levarei — o duque prometeu.

— Está falando sério? Oh, você é tão bom! Eu tinha medo de que fosse rir de mim, e passar direto pela Grécia a fim de chegar mais depressa em Saionga.

— Eu darei ordens para que o capitão aporte. Então nós dois desceremos e iremos até o Parthenon.

— Não sei o que dizer. Talvez deva repetir Sócrates. "Há muitas maravilhas no mundo, mas nenhuma que se compare ao homem".

O duque achou graça, mas também se sentiu envaidecido pelo cumprimento.

Na manhã seguinte, Miriam foi a primeira a se levantar. O duque a encontrou no deque, observando a chegada a Atenas. Estava excitada demais para pensar em tomar café.

Por essa razão, o duque a levou para a terra firme sem demora.

Miriam mal conseguia respirar. Estava prestes a conhecer a mais importante maravilha do mundo que, segundo seu pai, era ainda mais imponente do que a igreja de Santa Sofia em Constantinopla, o templo do Céu em Pequim, e o Taj Mahal em Agra.

Conforme subiam a Acrópole, o duque pensou que o lugar era considerado mais sagrado, por Miriam, do que qualquer igreja, embora tivesse sido construído há dois mil e quatrocentos anos.

— Ela lhe contou, então, que um templo anterior, inacabado, dedicado à deusa Atena, havia sido incendiado pelos persas.

— Eu não sabia — confessou o duque.

— O novo Parthenon, como vemos até hoje, foi concluído no ano 438 A.C.

— É um milagre que ainda esteja de pé.

— O verdadeiro milagre — continuou Miriam — foi ele ter sobrevivido aos ataques, há duzentos anos, realizados pelos venezianos e depois pelos turcos.

O duque estremeceu ao pensar que Miriam se comportava e falava como se tivesse presenciado todos os acontecimentos. Em seguida se reprovou, por estar se deixando levar pelo excessivo entusiasmo da garota.

Como não podiam perder tempo, segurou-a pelo braço e conduziu-a até o Erechtheion, um templo pequeno e delicado em comparação com o Parthenon, também dedicado à deusa Atena.

— Eu li — Miriam declarou —, que o Parthenon representa Atena em seu lado masculino como deusa da guerra e defensora da cidade.

— Nunca li nada a respeito — o duque confessou.

— Observe que aqui, no Erechtheion, ela colocou sua armadura de lado e se pôs a cultivar suas oliveiras, enquanto vigia os deuses mortos.

Mais uma vez ele detectou aquele tom estranho, quase espiritual, na voz de Miriam, que parecia levá-la ao passado.

Ela estava vendo Atenas na época em que o Parthenon e o Erechtheion haviam sido construídos. De repente, como se sentisse medo de perdê-la, o duque interrompeu:

— Acho que está na hora de voltarmos ao iate. Espero, como estará morando tão perto, que possa voltar aqui uma outra ocasião. Talvez possa permanecer em Atenas um longo tempo e explorar a cidade que, como você diz, deu ao mundo o poder do pensamento.

Miriam não protestou, nem implorou para ficarem mais. Limitou-se a acompanhá-lo até a carruagem que os esperava para levá-los de volta ao porto.

Foi nesse instante que uma mulher atravessou a rua correndo em direção a eles.

— Ivan! Ivan! E realmente você?

O duque se deteve e também Miriam que, surpresa, viu uma mulher belíssima agitando os braços para o duque, e quase se atirando sobre ele.

— Ivan, como é possível que esteja aqui? Jamais me atrevi a sonhar que pudesse deixar Londres em plena temporada.

— Estou aqui em uma importante missão a pedido de Sua Majestade, a rainha. Caso contrário, nada me teria feito perder as corridas.

— Era o que eu estava pensando — disse a mulher. — Mas, vejo que encontrou uma atração pelo caminho.

O duque percebeu o olhar malicioso fixo em Miriam e se apressou a dizer:

— Permita-me lhe apresentar lady Charlotte Woode, que devo levar em meu iate até Saionga. Esta é a condessa Batford, uma velha amiga.

A condessa estendeu a mão e Miriam apertou-a.

— Lady Charlotte é convidada da rainha ou sua?

Os modos da mulher chocaram Miriam, embora ela não dissesse nada.

— Lady Charlotte está a caminho de Saionga, onde deverá se casar com o príncipe Nikita.

— Agora eu entendo — riu a condessa. — Mas é muito estranha a escolha da rainha quanto ao acompanhante da noiva.

— Quero que saiba que eu fui o escolhido para tal honra simplesmente por ser dono do iate mais veloz da Inglaterra — explicou o duque.

— Então o Sereia está neste porto?

— Sim.

— Oh, eu insisto em vê-lo.

— Claro que o verá — respondeu o duque. — Embora não possamos nos demorar. A verdade é que estamos atrasados para chegar em Saionga.

A condessa pareceu refletir por um instante.

— Fiquei subitamente presa aqui, quando menos esperava. Por favor, querido Ivan, leve-me com você. Seria uma ótima oportunidade para eu visitar Saionga. Conheço o príncipe. Já nos encontramos duas vezes. Temos amigos em comum, inclusive, e eu estou certa de que ele gostará de me ver.

— Tenho certeza que sim, mas temo que se sentirá entediada.

A condessa avançou um passo e tocou os lábios do duque com as pontas dos dedos.

— Não aceitarei um "não" como resposta. Pelos velhos tempos, Ivan, se não por outra razão, leve-me como sua convidada. Como Saionga não fica muito distante daqui, poderei lhe fazer companhia quando der cabo de sua missão e voltar a Londres.

Miriam os ouvia, perplexa.

Era óbvio que o duque não queria a condessa a bordo de seu iate. Entretanto, como se conheciam de um modo que ela se recusava a pensar, não tinha jeito de recusar.

— Sei o quanto demora para arrumar suas malas, Isabel, e não posso esperar. Dessa forma, virei apanhá-la no caminho de volta a Inglaterra.

— Não há nada para fazê-lo esperar. Minhas roupas já estão embaladas. Eu pretendia partir esta noite, de trem.

— Muito bem. Se a bagagem está pronta, mandarei que a apanhem imediatamente.

— Ivan, você é um anjo! — a condessa exclamou. — Um arcanjo, aliás, pois me salvou de uma viagem horrível, sem o menor conforto, onde eu morreria de tédio.

Antes que o duque respondesse, a mulher estava sentada no banco da carruagem, no lugar de Miriam.

— O inesperado sempre acontece — ela murmurou em tom de sedução, assim que o duque deu o endereço do seu hotel ao cocheiro. — Eu estava lamentando minha solidão quando você apareceu. Agora tudo mudou e eu estou pronta para me divertir, como nos divertíamos antes.

Miriam teve certeza de que o duque e a condessa se conheciam intimamente e isso a perturbou mais do que desejaria admitir.

— Ainda não me disse, Isabel, o que faz aqui em Atenas, sozinha. Quem a trouxe e por que a deixou?

— Estávamos a caminho do Egito, pois eu sempre sonhei em percorrer o Nilo. Paramos em Atenas porque achei que seria interessante conhecê-la.

— O que aconteceu?

— Meu amigo recebeu um telegrama comunicando sobre a necessidade urgente de seu regresso. O pai sofreu um ataque cardíaco e não deve sobreviver a mais do que alguns dias.

— E ele a abandonou.

— Precisou partir imediatamente e não pôde me esperar porque eu precisava de tempo para arrumar minhas malas.

— Então foi realmente abandonada. Isso não combina com você, Isabel.

— Foi o que eu também pensei e estava amaldiçoando minha sorte em ter de voltar sozinha, quando você surgiu. Agora, poderei visitar Saionga e também assistir ao casamento de Vossa Alteza Real.

Miriam nunca vira uma mulher falar tanto sobre si. Deveria ser alguém muito importante e o duque seria rude se não a recebesse a bordo.

Durante o trajeto para o porto, Miriam se sentiu como se o sol houvesse partido. Não veria mais a luz da Grécia que tanto significava àqueles que a compreendiam.

Fora tão feliz nos diálogos com o duque, e com as partidas de tênis. Vivera uma aventura inesperada. Agora, com a chegada da condessa, tudo mudara.

O duque não mais lhe falaria na presença da outra. O pior era que dentro de um ou dois dias ela seria obrigada a lhe contar a verdade. A verdade que chegara a esquecer naqueles dias tão felizes.

Decidiu-se a revelar sua verdadeira identidade antes de chegarem, para que ambos os homens acelerassem sua apresentação ao príncipe e para que os russos acreditassem que o casamento seria realizado de imediato.

Ficaria a critério do duque e do barão, nesse caso, a escolha de uma outra esposa inglesa para o príncipe, antes que os russos soubessem da verdadeira situação.

O casamento precisaria ser adiado e isso certamente causaria problemas para o príncipe, mas ela esperava, assim como a rainha, que a mera presença de um navio inglês no país fosse suficiente para espantar o inimigo.

O medo de Miriam era que a entrada em cena da condessa Batford fosse atrapalhar seus planos.

Em sua cabine, colocou ambas as mãos na cabeça. Estava preparada para entregar todos os acontecimentos ao destino, mas ele, em combinação com a condessa, tornava tudo ainda mais incerto e perigoso.

— O que farei? O que deverei fazer? — perguntou-se.

Mas não encontrou a resposta.

CAPÍTULO 5

O barão e a baronesa estavam no salão do iate quando o pequeno grupo retornou do passeio.

O duque, em seu papel de anfitrião, apresentou a condessa e, em seguida desapareceu rumo à cabine de comando.

— Creio que zarparemos agora mesmo — comentou a baronesa. — Desculpem-me, mas como tenho horror ao mar devo tomar a me esconder em minha cabine.

— E uma pena que Milady se sinta tão mal — Miriam lastimou.

A condessa se limitou a dar um sorrisinho de escárnio que Miriam notou e procurou compensar com sua simpatia, distraindo a senhora com a descrição dos lugares que conhecera e com elogios à maravilhosa Atenas.

Durante todo o tempo, endereçava olhares furtivos em direção à porta, esperando ver o duque entrar, mas ele não voltava nem o iate dava sinais de partir.

— O que será que houve? — Miriam perguntou a si mesma. Depois de demonstrar tanta preocupação com a urgência de sua chegada em Saionga, por que não dava ordens para deixarem o porto? E se tivessem de permanecer mais algum tempo em Atenas, não a deixaria desembarcar novamente?

O tempo passava e o duque continuava a não dar sinais de vida.

— Não entendo. Onde será que Ivan foi? Eu tenho tantas novidades para lhe contar sobre nossos amigos em Londres.

Quero dizer, festas divertidas de verdade, não essa chatice de bailes de debutantes — a condessa olhou com pouco caso para Miriam.

— Eu prefiro a vida no campo e as cavalgadas.

Como a condessa não respondesse e ficasse olhando a cada instante para a porta, Miriam resolveu não insistir numa conversação. Levantou-se e foi para o deque de onde, ao menos, poderia avistar uma pequena parte da cidade.

O Parthenon se projetava, magnífico, no alto da colina. Poderia ser impressão sua, mas ele estava envolto em uma luz brilhante, a luz de Apolo.

Sem que se desse conta, Miriam estava rezando para que o deus da luz, um dia, lhe trouxesse o amor. Sabia que seria difícil encontrá-lo em Saionga ou mesmo na Inglaterra, mas sua fé era grande.

Naquele momento, debruçada sobre a amurada, viu o duque descer de uma carruagem. Franziu o cenho. O que ele teria resolvido fazer em Atenas e por que demorara tanto? A embaixada, se é que ele resolvera ir até lá, não ficava tão longe.

Ela estava tão contente em vê-lo que foi até a escada.

— Ainda bem que você voltou! Eu estava começando a ficar preocupada. Talvez, cansado de nossa presença, você tivesse resolvido voltar de trem ou com um outro navio.

— Longe de mim — o duque respondeu, rindo. — Apenas segui seu conselho.

— Meu conselho? — Miriam estranhou.

— Mais tarde lhe contarei tudo — o duque a tranquilizou.

— E os outros?

— Estavam reunidos no salão quando os deixei.

O duque se dirigiu para lá e foi recebido com um grito de prazer por parte da condessa.

— Oh, Ivan, estava preocupada com o que poderia lhe ter acontecido! Para ser sincera, tive o horrível pressentimento de que você nos havia abandonado.

— Foi o que lady Charlotte também pensou, mas eu apenas resolvi garantir nossa segurança. Trago boas notícias.

— Boas notícias? — repetiu o barão.

— Bem, não exatamente boas e nem as que vocês, talvez, esperam ouvir. O fato é que, de acordo com a bem lembrada afirmação de lady Charlotte, nós estamos à mercê dos nossos inimigos. Dessa forma, eu consegui dois cruzadores ingleses para nos escoltarem até Saionga.

Miriam e o barão aplaudiram a iniciativa do duque.

— Agora os russos terão certeza da seriedade de nossa missão e da proteção inglesa! — Miriam exclamou.

— Certamente — apoiou o duque. — Soube, na embaixada, que a infiltração russa está aumentando e que não poderemos facilitar. Por outro lado, e isso é animador, não há indícios de ataques iminentes no país.

— Como conseguiu os cruzadores? — Miriam indagou, incapaz de conter a curiosidade em saber o fim da história.

— Um deles acaba de chegar do Egito e o outro é esperado para hoje, antes do cair da noite. Nós iremos ao encontro deles, ao norte da costa, e de lá prosseguiremos rumo a Saionga.

— Mas é uma notícia realmente esplêndida! — exclamou Miriam.

— Só você, meu querido Ivan, para pensar em cada detalhe. Você é um homem brilhante. Aliás, sempre foi — a condessa concluiu, após um olhar significativo.

— Vossa Alteza nos deu uma notícia muito boa mesmo — disse o barão. — Eu sempre achei, embora não dissesse nada, que nós estávamos sendo um pouco otimistas

demais em pensar que os russos se impressionariam com a chegada deste lindo iate, ao ponto de deixarem Saionga.

— Bem, agora podemos ter certeza disso.

— E eu terei mais prazer ainda em viajar com vocês — a condessa os interrompeu.

— Confesso que estava um tanto nervosa com a perspectiva de cair prisioneira dos russos.

— Nisso eu concordo com você — acrescentou o duque.

— Proponho uma taça de champanhe em comemoração ao sucesso de nossa viagem.

— Você sempre consegue o que quer — murmurou a condessa.

O duque se sentou no sofá e a condessa se apressou a tomar o lugar a seu lado.

A conversa prosseguiu e o duque instruiu o comissário para lhes servir champanhe. O barão e Miriam recusaram com delicadeza. A baronesa, a essa altura, já havia voltado para o conforto de sua cabine.

Os motores foram colocados em funcionamento.

Miriam, aproveitando um instante em que ninguém prestava atenção em sua pessoa, escapou para o deque.

A luz sobre Atenas estava ainda mais intensa. Conforme o iate se distanciava do porto, em direção ao alto mar, a vista da cidade se tornava mágica.

O sol do final de tarde, tocando as casas e a Acrópole, parecia lhe transmitir uma mensagem especial, da qual ela não conseguia captar o significado, mas que seu coração recebia como muito importante. Como algo capaz de transformai sua vida.

Era uma sensação inexplicável.

O medo, que carregava consigo desde a visita de Charlotte e que vinha se intensificando a medida que se aproximava o momento de contar a verdade ao duque e ao barão, deixou de atormentá-la.

Conforme o iate se afastava do porto, ela teve uma visão de Apolo lhe sorrindo e dizendo que não tinha o que temer.

Miriam permaneceu no deque até que o último sinal de Atenas desapareceu de vista. Então, com um profundo suspiro, ela foi para sua cabine.

Deitou-se e se deixou embalar pela rapidez com que o iate cortava as águas. Sabia que no prazo de no máximo dois dias estariam desembarcando em Saionga, onde o príncipe Nikita os aguardava com ansiedade.

O problema voltou a ricocheteiar por sua mente.

Deveria contar que era uma impostora antes de chegarem? Ou deveria esperar até falar com o príncipe? E se ele não a pedisse em casamento? Nesse caso, teria se exposto em vão.

Sabia que estava tentando se enganar e se reprovou por isso. Fossem quais fossem os sentimentos do príncipe, seu Primeiro Ministro e os demais estadistas diriam que o casamento seria mais um dever a cumprir.

Não poderia recusar uma noiva enviada pela própria rainha da Inglaterra. Uma noiva que protegeria Saionga contra os russos.

Antes eles até poderiam se enganar quanto ao temor dos russos pela chegada da comitiva inglesa, mas agora não lhes restaria outra saída exceto respeitar o poderio transmitido pelos dois cruzadores, que o duque tão inteligentemente trouxera.

Não haveria mais dúvidas.

Nesse momento, como se o próprio deus Apolo lhe dissesse o que fazer, Miriam soube que deveria contar a verdade sobre si mesma antes de chegarem a seu destino, mesmo sob o risco de decepcionar e enfurecer o duque.

Seu maior temor era ter de enfrentar uma outra possibilidade. Afinal, não era Charlotte, mas uma parente próxima com o sangue tão azul quanto o da noiva.

— Talvez devesse dizer que Miriam era seu segundo nome, e se casar como Charlotte Miriam, para que não surgissem dificuldades legais quanto aos documentos.

A esse pensamento, Miriam sentiu um horrível arrepio.

Como poderia se casar com um homem que nunca vira e por quem não sentia amor? Ela, aliás, nem sabia o que era o amor.

Tomada de um súbito desconforto, reprovou-se por sua atitude grosseira em se afastar do grupo, sem pedir licença, e se trancar em sua cabine. Levantou-se, então, e decidiu tomar um longo banho de banheira para se acalmar.

Voltaria ao salão, vestida com esmero. Escolheu, portanto, o vestido mais lindo que Charlotte lhe dera e que lhe parecia apropriado para sua idade, em chiffon rosa pálido, que emoldurava seu corpo de maneira perfeita.

No salão, entretanto, encontrou apenas o barão.

— A senhorita está belíssima, lady Charlotte. Parece uma deusa grega nesse vestido. Sinto-me como se estivesse vendo uma aparição.

— Bem que eu gostaria de ver uma — Miriam confessou.

— A cada ilha que passamos, lamento não poder visitá-la e a seus templos.

— Poderá saciar seu desejo com facilidade quando estiver morando em Saionga — disse o barão. — Nosso povo vem sempre para estes lados. Os lugares que mais frequentam são Delos, Thasos e Mykanos.

— Delos, onde Apolo nasceu! — Miriam exclamou.

— E onde, até hoje, as pessoas se sentem mais próximas dele — explicou o barão.

— Oh, nesse caso, eu também preciso visitá-lo.

O duque se reuniu a eles naquele momento.

— Estava cogitando o que poderia lhe ter acontecido. Senti sua falta.

— Fiquei me despedindo de Atenas até não poder mais vê-la — Miriam respondeu.

— Depois fui para minha cabine para pensar em tudo o que vi.

— Foi o que imaginei.

— Eu estava acabando de dizer a esta jovem que será fácil para ela visitar as ilhas gregas, no futuro. Especialmente Delos e especialmente no verão.

— Sim, é claro — concordou o duque, enquanto se servia do champanhe retirado de um balde de prata repleto de cubos de gelo.

— Aceita uma taça?

— Não, obrigada.

— E o senhor, barão?

O barão indicou a taça que carregava em sua mão, e que o duque não havia notado.

— Soube que o iate ficará parado por algumas horas na costa de Thessaly. Dessa forma, vou buscar minha esposa para jantar conosco.

— Sim, faça isso — respondeu o duque. — Estamos quase chegando. Tomei essa decisão porque estamos bem próximos a Saionga e não pretendo aportar durante a madrugada. Calculo que chegaremos lá por volta das onze horas, onde seremos recebidos com flores e com, infelizmente, uma série de discursos.

O barão riu.

— Pode ter certeza.

A sós com o duque, Miriam não pôde evitar a tensão da expectativa.

— Disse que chegaremos amanhã de manhã?

— Sim, por volta das onze horas. Por quê? Está com medo?

— Estou.

— Eu sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer para ajudá-la, há?

Miriam não respondeu e o duque continuou, quase zangado.

— Não consigo compreender seu pai. Como pôde preferir satisfazer a rainha, a proteger a filha tão jovem? Sua missão seria difícil demais até a uma mulher que tivesse o dobro de sua idade.

O duque respirou fundo e estava prestes a continuar quando a condessa entrou no salão como se pisasse em um palco de teatro.

Seu vestido teria atraído a atenção geral até mesmo no maior baile de Londres. O decote era pronunciado e o corte revelava cada detalhe de seu corpo. Qualquer homem ficaria deslumbrado com aquela aparição.

As lantejoulas brilhavam no corpete e na parte frontal do vestido. Eram do mesmo tom das esmeraldas que ela exibia nas orelhas e ao redor do pescoço.

A condessa, além de glamourosa, estava muito bonita.

— Pensei, querido Ivan, que você e eu poderíamos celebrar, esta noite, a alegria de estarmos novamente juntos, sem a ameaça que paira sobre outros países.

— Você encontrou uma nova desculpa, pelo que vejo — respondeu o duque —, para se apresentar não apenas linda, mas coberta de jóias, de uma maneira que seria mais apropriada para as peças de teatro que assistimos no passado, e das quais, algumas vezes, também tomamos parte.

Era evidente que o duque estava se referindo a fatos do passado com um significado especial, pois a condessa pestanejou.

— São fatos que ficariam melhor esquecidos. Imploro, portanto, que não torne a mencioná-los.

— Como você quiser.

Para assombro de Miriam, a condessa segurou o braço do duque num gesto possessivo.

— Estamos diante de um novo começo, Ivan. Não é próprio de você se prender ao passado quando há promessas de muita excitação no futuro.

Miriam tinha certeza de que o duque e a condessa guardavam algum segredo particular, pois quem quer que os ouvisse não conseguiria entendê-los.

Uma sensação de frio a dominou e ela teve ímpetos de deixar os dois a sós. Afinal, não pareciam se lembrar de que havia uma terceira pessoa presente.

Talvez devesse voltar à sua cabine e se reunir ao grupo mais tarde.

Havia dado dois passos quando viu o conde se virar abruptamente.

— Deixe-me apanhar a garrafa de champanhe. Com sinceridade, Isabel, não gosto de falar do que aconteceu ontem, quando o amanhã se aproxima.

— O amanhã! — a condessa exclamou, sonhadora. — Tudo pode acontecer. E esta noite...

O duque não respondeu mas Miriam viu os dedos longos e alvos da condessa se moverem sobre a mão dele, em uma carícia suave.

Uma dor horrível atingiu-lhe o peito, como se alguém houvesse lhe cravado uma faca.

Amava o duque. Amava-o com paixão. Era incrível, mas tinha certeza disso. Aqueles dias no mar, o modo com que ele sempre a tratava, com consideração, respeito e compreensão lhe despertaram o mais nobre dos sentimentos.

Não teria se apaixonado por nenhum dos homens que conhecera em Londres, todos vazios e interesseiros. O duque, contudo, a levava para visitar o Parthenon e conversara com ela sobre a luz de Apolo.

Os outros teriam rido ou se afastado por considerá-la uma tola, mas o duque a ouvira sem críticas ou zombarias.

— Ele me entende. Ele realmente me entende — Miriam falou consigo mesma.

Demorara a se dar conta da verdade. Deveria ter percebido antes sobre seus sentimentos. Quando contemplaram juntos a batalha contra as ondas, na baía de Biscaia; quando visitaram Gibraltar; quando jogaram tênis sobre as águas calmas do Mediterrâneo.

— Eu o amo tanto e depois de amanhã, provavelmente, nunca mais o verei.

— Rezara para encontrar o amor, esperara tanto por ele, e agora que a magia e a glória desse sentimento envolvia todo o seu ser, talvez não pudesse dividi-lo.

Sentia-se iluminada pela luz que vira em Atenas. A luz de Apolo que tinha o poder de mudar não apenas os pensamentos dos homens e mulheres, mas também o que eram e aquilo que se tornariam.

O desespero do amor sem esperança lhe dava vontade de chorar. A poucos passos o duque estava olhando para a condessa e sorrindo para ela, ao mesmo tempo em que lhe entregava uma taça de champanhe.

— A você, Ivan — ela brindou —, que está voltando a ocupar seu lugar em minha vida.

Ela sussurrava para que apenas o duque a ouvisse, mas Miriam estava atenta, embora sofresse uma punhalada a cada palavra.

Qualquer um veria que o duque e a linda condessa haviam sido amantes.

Em sua aflição, Miriam desejava que a terra se abrisse a seus pés e a cobrisse para que não precisasse testemunhar, do outro lado do salão, aquelas duas pessoas fitando-se nos olhos.

Jamais conhecera um homem mais bonito e másculo do que o duque. Também não conhecera mulher mais linda do que a condessa.

De repente, Miriam sentiu que não poderia mais continuar naquele salão, ou todos saberiam o que estava sentindo. Saiu, então, às cegas, para o deque. Os últimos raios de sol emprestavam um tom dourado a toda a parte e possibilitavam a visão da costa de Thessaly, de onde se aproximavam rapidamente.

Seria noite, entretanto, quando a alcançassem, e as primeiras estrelas já estariam surgindo no céu. Logo depois, a lua lhes enviaria seu brilho de prata. Mas Miriam não conseguiria admirar sua beleza, pois estava sufocando de tristeza por seu amor impossível.

— Rezei para que Apolo me desse o amor e ele me atendeu. Agora desejava não tê-lo conhecido, pois o homem que amo nunca me amará. O duque pensa que sou outra pessoa. Além disso, enquanto houverem mulheres como a condessa ao seu redor, que chance eu poderei ter?

O duque tivera um romance com a mulher a quem chamava de Isabel. Algum tempo depois, aparentemente, aconteceu uma briga entre eles ou algo muito sério que os separou. Ele a deixou, mas ela continua querendo-o.

Esse pensamento fez Miriam hesitar. A condessa dava todos os sinais de querer reatar com o duque, mas ele não parecia tão apaixonado e disposto a voltar.

Isabel se convidara para seguir viagem no Sereia. Do jeito que armara a situação, o duque se viu impossibilitado de se recusar a atendê-la.

Enquanto isso, no salão, o duque estava dando pela falta de Miriam.

— Pensei que Charlotte estivesse aqui conosco. O que aconteceu a ela?

— Deve ter saído para admirar o pôr-do-sol e pensar que o amanhã lhe trará um noivo.

O duque franziu o cenho.

— Ela é jovem demais para lidar com um homem como Nikita.

— Sim, ela é, mas não é sobre Miriam nem sobre o príncipe que quero falar, e sim sobre você.

— Não resta mais nada para falarmos — retrucou o duque —, e não quero estragar a última noite de Charlotte a bordo.

— Ela deve estar ansiosa para que amanheça logo. É natural. Qual a garota que não sonha em se casar com um príncipe ou com um duque? Pense em como ela deve estar se sentindo. Quando se casar, todas as pessoas se curvarão em sua presença. Terá uma porção de admiradores por todas as cidades por onde passar. E uma porção de criados prontos a obedecer suas ordens.

— Como eu disse, e você concordou, ela ainda é muito jovem! — repetiu o duque com um modo extremamente seco.

— Mas o problema não é meu. Estou simplesmente cumprindo as determinações da rainha Victória. Assim que o casamento se realizar, voltarei para a Inglaterra.

— E eu irei com você, é claro.

— Na minha opinião isso seria um erro — retrucou o duque para espanto da condessa.

— Está preocupado com a possibilidade de rumores a nosso respeito ou você simplesmente não me quer a seu lado?

— Não se pode voltar no tempo — respondeu o duque. — Fomos muito felizes enquanto estivemos juntos, mas isso passou. Não vamos estragar as boas lembranças.

— As boas lembranças já se estragaram quando brigamos por uma tolice. Foram seus ciúmes absurdos por um homem ridículo que nos separaram.

O duque atravessou o salão e foi se servir de uma bebida.

— Precisamos falar sobre esse assunto? Não foi porque concordei que viajasse comigo a bordo do Sereia que estou disposto a reviver o passado.

— Digamos que eu quero apenas viver o presente.

— Se aprendi algo foi que nunca devemos tentar mudar o destino ou cometer duas vezes o mesmo erro.

— Tem certeza de que nosso relacionamento foi um erro?

— Absoluta.

A condessa deu de ombros.

— Muito bem, Ivan, se essa é sua última palavra, não me resta outra alternativa a não ser aceitá-la. Você sabe o quanto detesto dormir sozinha. No momento que seu mau humor passar, saiba que estarei a sua espera. Seria uma pena desperdiçarmos noites que poderiam ser maravilhosas.

Ela estendeu o copo e o duque se limitou a servi-la.

— Nossa conversa me fez esquecer as boas maneiras. Com licença. Preciso cuidar de minha hóspede, a futura princesa de Saionga.

De costas para a condessa, enquanto se retirava do salão, o duque não notou a expressão de raiva com que ela acompanhou seus passos. Não se conformava, mesmo após terem se passado vários meses, que seu breve relacionamento houvesse terminado por causa de uma estúpida briga, quando tinha certeza de que tinha o duque, que fora seu melhor amante, em suas mãos. O único, porém fora a insistência de Ivan em manter o romance em segredo. Nunca gostara de ser dominada pelos homens. Todos os seus amantes, durante e após o término do seu casamento, satisfaziam todos os seus caprichos. Nenhum tivera a ousadia de abandoná-la. Sempre fora ela a decidir o momento de se colocar um ponto final na ligação.

O duque, no entanto, sempre insistira em fazer tudo à sua maneira. Sempre fora de temperamento difícil e quanto maiores as dificuldades em dominá-lo, mais irresistível ele lhe parecia.

Recusava-se a encontrá-la em sua casa ou na dele, a menos que houvessem outros convidados. Dessa forma, ninguém, nem os amigos mais íntimos, podiam dizer que tinham certeza que ambos eram amantes.

Até mesmo em suas cartas, o duque era cauteloso. Quem as lesse diria se tratar apenas de palavras gentis por parte de um admirador à sua musa.

Apaixonada e determinada a tornar público o relacionamento, a condessa começara a lhe provocar ciúmes, na tentativa de obrigá-lo a assumi-la definitivamente.

Seu maior sonho era vê-lo desafiando um homem para um duelo, ou então lutando com um homem que surpreendesse saindo de seu quarto.

Em suma, queria que ele dissesse a todos que ela lhe pertencia.

Mas tudo deu errado.

O problema foi ela ter flertado com um jovem e sido apanhada em flagrante durante um beijo.

Zeloso de seu bom nome, que lhe significava muito, e enraivecido com a perspectiva de vir a se tornar alvo de comentários no White's Club, o duque deu as costas ao casal, sem dizer nada, e fechou a porta.

Isabel, surpresa e arrependida, o seguiu até sua casa e implorou perdão.

Antes ele tivesse gritado ou até lhe batido. Em vez disso, declarou em tom muito baixo, destituído de qualquer emoção, que o romance estava terminado e que ele não era homem de dividir suas mulheres com outros.

Ela tentara fazê-lo entender que não amava o rapaz e que se comportara daquele modo apenas para incitá-lo a se tornar mais ardente.

O duque não acreditou em suas palavras, ou melhor, não quis sequer ouvi-la.

Levou-a, como o cavalheiro que era, até a carruagem e disse adeus.

Isabel soube que era definitivo, mas não quis aceitar. E agora que o destino o pusera novamente em seu caminho, ela lutaria com todas as suas forças para recuperá-lo.

Não queria, portanto, admitir que ele a tivesse deixado plantada no salão, enquanto saía à procura daquela jovem insossa prometida ao príncipe Nikita.

"Ela não imagina o que a espera", a condessa pensou. "Em todo o caso, o problema não é meu, e assim que o casamento for realizado eu terei o duque só para mim.

Tivera tantos homens. Não acreditava que o duque resistiria a seus encantos quando estivessem sozinhos no iate, numa viagem de vários dias.

— Não preciso ter pressa — a condessa decidiu. — Darei a ele o tempo que quiser. Talvez parassem na Alexandria no caminho. Ou em outro lugar. Isso não importava. O importante era ficar ao lado dele o máximo possível. Daquela vez não o perderia.

O duque encontrou Miriam no deque, no lugar onde imaginava. O sol estava se pondo no horizonte e Miriam contemplava o mar, a lua e as estrelas que começavam a surgir.

Ele sabia que nada no mundo poderia ser mais lindo do que o luar e as estrelas brilhando no mar, ao sabor das ondas.

— Tinha certeza de que a encontraria aqui — ele murmurou.

— É tudo tão lindo, tão perfeito. A lua e as estrelas parecem estar me dizendo aquilo que eu desejo saber. Ao mesmo tempo, diante da imensidão do mar, percebo que não sei quase nada.

O duque sorriu.

— Você é muito jovem. Há muito tempo pela frente. Você terá tudo o que deseja.

— É o que eu estava tentando me dizer — Miriam respondeu. — Mas, talvez, aquilo que realmente quero esteja fora do meu alcance.

— Infelizmente não tenho uma resposta para sua dúvida. Acho que ninguém no mundo a tem. Não conheço uma única pessoa que possa dizer, ao olhar para trás, que todos os seus sonhos se tornaram realidade.

— A esperança é a última que morre — Miriam sussurrou.

O duque a fitou longamente e percebeu que ela estava falando consigo mesma.

— Acho que a noite, por ser tão longa e linda, a deprime, assim como acontece com várias pessoas. Na sua idade, porém, o otimismo chega a ser um dever. Pense que terá tudo o que deseja.

— O que eu desejo me parece impossível — Miriam confessou.

— No entanto sempre falou comigo com a segurança de que tudo é possível, quando se está determinado a lutar.

— Isso é fácil para você porque é homem.

— Bem, se formos discutir as diferenças entre o homem e a mulher levaremos horas, e o jantar estará pronto em minutos.

— E o jantar, é claro, é mais importante — Miriam comentou, rindo. — Está bem. Entendo o que você está querendo dizer. Devo deixar a morbidez e o medo de lado e acreditar que Apolo me ajudará a vencer todas as minhas batalhas.

— Se ele tem tanto poder, por que se preocupar? — o duque confirmou. — Agora venha comigo para nosso último jantar a bordo. Quero que esta noite seja especial para você.

— Tenho certeza que será e prometo tentar não me sentir triste até amanhã de manhã.

Ela não havia completado a frase, mas o duque sabia que Miriam se referia à chegada a Saionga, quando teria de se encontrar com o homem com quem deveria se casar.

No caminho para o salão, Miriam se decidiu a contar a verdade assim que terminassem de jantar. Até lá tentaria aproveitar a companhia do homem que amava.

Mas, quando ele abriu a porta, ela sentiu vontade de se entregar à amargura e ao desespero. Amava-o muito, mas não tinha a menor chance em comparação com a condessa.

Ela estava olhando para eles e exibia um sorriso insinuante nos lábios, mas que logo se transformou em um esgar de ódio.

CAPÍTULO 6

O barão e a baronesa já se encontravam no salão quando o duque chegou acompanhado por Miriam.

— Graças a Deus, estamos ancorados! — exclamou a baronesa. — Cheguei a temer que o iate fosse avançar ilha adentro de tanto que o mar estava agitado.

A condessa não se dignou a responder. O barão a entediava, e sua esposa ainda mais. Desprezava as mulheres que se refugiavam em suas cabines no minuto em que o mar se mostrava um pouco mais revoltoso e as ondas mais altas.

Ela própria nunca apreciara a travessia pela baía de Biscaia, mas sempre dera um jeito de suportá-la porque achava detestável demonstrar fraqueza.

Cedo na vida aprendera que estar bonita e segura de si era o que havia de mais importante.

— A noite está adorável — comentou o duque, à guisa de explicação pela ausência. — Após o jantar, estou certo de que todos desfrutarão de uma vista incrível da lua sobre os rochedos e sobre o mar.

Bastou um olhar para ele adivinhar que a condessa estava de mau humor. Conhecia aquele modo peculiar com que ela apertava os lábios e franzia as sobrancelhas. Mas isso não o perturbou. Não acreditava que Isabel fosse chegar ao ponto de fazer uma cena diante do barão e da baronesa, e também de lady Charlotte.

— Já lhe disse que está encantadora esta noite e que seu vestido é fantástico? — o duque elogiou quando a condessa se sentou a seu lado direito. — É uma pena que nosso grupo seja tão pequeno ou você teria muitos admiradores para aplaudi-la.

— Já ouvi você fazer esse tipo de comentário a uma porção de mulheres e uma porção de vezes — replicou a condessa com sarcasmo. — Espero que em Saionga os homens sejam mais originais.

— O príncipe, sem dúvida, fará questão de atender cada um de seus caprichos — o duque respondeu. — Da última vez que o vi, ele estava conversando com especial eloquência com uma jovem japonesa.

A condessa jogou a cabeça para trás num gesto de irritação.

O barão, pressentindo perigo no ar, apressou-se a dizer:

— Não é comum recebermos visitantes japoneses em Saionga. Ultimamente, porém, soube que eles estão começando a se aventurar pelo mundo, como não lhes falta dinheiro, são bem-vindos na maioria dos países europeus.

Em seguida, como o silêncio se arrastasse, Miriam decidiu tomar a iniciativa da conversa e informar o barão sobre seus progressos no aprendizado do idioma.

— Embora o príncipe fale inglês, eu acho que seria deselegante eu não me esforçar em aprender ao menos algumas palavras do idioma de seu país.

O barão e ela trocaram algumas amabilidades, mas, durante todo o tempo, Miriam não perdeu um único movimento do duque. Ele parecia determinado a agradar a condessa que lhe respondia por monossílabos.

— Diga-me onde encontrou o príncipe pela última vez. Já me informou que foi em Paris, mas eu não me lembro se foi em uma festa ou se vocês se hospedaram no mesmo hotel.

— Já que insiste em saber, nós nos encontramos na Maison de Plaisir, em Montmartre.

Isabel sabia que o duque ficaria chocado com sua falta de pudor em mencionar a mais notória das casas noturnas de Paris, diante de Charlotte e de seus convidados.

— Não posso acreditar que você tenha frequentado aquele lugar — o duque comentou, conforme ela esperava. — Está caçoando de mim.

— Acontece que é verdade — insistiu a condessa — e o príncipe foi a sensação da noite.

O duque indagou a si mesmo o que deveria fazer para impedir que a condessa continuasse a falar. Olhou para o barão e percebeu que ele também estava chocado.

— O que mais gosto de visitar em Paris é o Teatro de Óperas. Acho-o deslumbrante — o barão tentou mudar de assunto, ao que parecia.

— Eu também — concordou o duque. — Tenho certeza de que o príncipe não perdeu a oportunidade de conhecê-lo, não só devido a sua magnífica arquitetura, mas também para ouvir uma das mais belas orquestras do mundo.

— Duvido que o príncipe fosse desperdiçar seu tempo com óperas e concertos — a condessa riu. — O Moulin Rouge faz mais o seu gênero. No seu lugar, lady Charlotte, eu o convenceria a introduzir o canção em Saionga.

Embora nunca houvesse ouvido falar sobre a Maison de Plaisir, Miriam certamente conhecia o canção, pois em Londres essa dança fora amplamente comentada. Até os jornais a mencionavam.

Seu pai lhe ensinara que a dança era uma expressão de revolta contra os altos princípios de comportamento em que todos os franceses decentes acreditavam.

Ciente de que a condessa estava tentando escandalizar seus convidados deliberadamente, o duque a desprezou e começou a falar com Miriam sobre cavalos.

— Conte-me sobre os estábulos do seu pai. Sei que seus cavalos são excepcionais e que a rainha o admira por serem eles geralmente os vencedores em todas as corridas.

— Todos os cavalos são realmente excepcionais — Miriam admitiu —, mas o que mais gosto de montar chama-se Firefly.

O assunto os manteve distraídos até que a sobremesa de frutas deliciosas, trazidas de Atenas, foi servida, e depois os licores.

Como era de praxe que apenas os homens bebessem após as refeições, o comissário não se dirigiu à condessa, nem à baronesa, nem a Miriam.

— Por que essa proteção para os cavalheiros? Eu também quero beber. Um conhaque bem forte, se é que você tem algum em seu bar.

— Temos muitas bebidas à disposição de todos — afirmou o duque. — Por que escolheu justamente uma tão forte?

— Porque tenho algo a lhe dizer e preciso de coragem.

O duque a encarou imediatamente apreensivo. No mesmo instante, ouviu-se a aproximação dos dois cruzadores. Miriam estremeceu. Se o duque saísse para dar as boas vindas aos tripulantes, após o jantar, ela não teria condições de lhe contar a verdade e o tempo havia se esgotado.

— Minha única alternativa é contar tudo agora, aqui mesmo, diante de todos, assim que o comissário nos deixar a sós — Miriam falou consigo mesma.

Suas mãos começaram a tremer. Sua garganta se fechou.

O comissário pediu licença e saiu.

— E agora — Miriam decidiu.

Porém, no momento em que abriu a boca para falar, a condessa se antecipou:

— Tenho refletido muito desde que embarquei neste iate, em Atenas, e resolvi seguir meu impulso. Acho que é meu dever, como inglesa, dizer a esta garota que ela fará um grande erro se acatar a ordem da rainha e aceitar se casar com o príncipe Nikita.

O duque arregalou os olhos como se não estivesse acreditando em seus ouvidos. O barão enrijeceu e pareceu ficar mais alto em sua cadeira.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar, Isabel — murmurou o duque após uma ligeira pausa.

— Acho que não poderia ser mais clara — retrucou a condessa. — Estou dizendo que lady Charlotte é jovem e, certamente, inexperiente demais para se relacionar com um homem como o príncipe Nikita.

Fez-se silêncio.

— Essa é a sua opinião, mas estamos aqui para cumprir as instruções da rainha.

— Isso está errado e você sabe — continuou a condessa com um risada desagradável. — O barão procurou Vossa Majestade através do Primeiro Ministro e do Gabinete para pedir uma noiva inglesa que pudesse salvar Saionga dos russos. Isso já aconteceu com pelo menos uma dúzia de outros principados.

— Nós sabemos — disse o duque, ao mesmo tempo que se perguntava a razão da condessa resolver interferir. Provavelmente porque estava aborrecida com ele. Mas o que ela ganharia em criar problemas para o barão e para Charlotte?

— Toda a corte está ciente de que o príncipe criou fama de libertino quando esteve em Paris. O que ele mais gostou na cidade foi a companhia de mulheres lindas e sofisticadas.

O último adjetivo foi propositalmente acentuado como o mais importante.

— E óbvio — prosseguiu a condessa — que o príncipe taxará qualquer garota pura e ingênua, que prefere a tranquilidade do campo ao brilho da cidade, e que desconhece os prazeres de Paris, como extremamente enfadonha.

Nesse momento o duque achou por bem interromper a conversa.

— Não vejo razão, Isabel, para você perturbar lady Charlotte quando ela deve encontrar amanhã, pela primeira vez, o homem com quem deverá se casar.

— Apenas estou declarando o quanto lamento por ela — insistiu a condessa. — Meu coração chega a sangrar quando penso nas decepções que sofrerá.

O duque se levantou.

— Vamos colocar um fim neste assunto, está bem? Quanto a lady Charlotte, presumo que ela queira se retirar para sua cabine.

— Não antes de ouvir o que tenho a dizer — avisou a condessa. — Como é de grande vantagem para ela, creio que deveria esperar até que eu terminasse de expor minha ideia.

Miriam estava boquiaberta. Entendia a disposição do duque de poupá-la. Aquela mulher, tão linda e bem vestida, fingindo-se interessada, estava dificultando ainda mais sua situação.

— Eu insisto... — o duque estava começando a dizer quando a condessa ergueu a mão e obrigou-o a calar.

— Ouçam-me todos vocês porque o que tenho a dizer é de grande importância!

— Você já disse o suficiente!

— Cale-se! — ordenou a condessa.

O grupo a encarava como que hipnotizado. Nem mesmo o duque se atrevia a contrariá-la naquele momento.

— O que eu quero propor, de forma a salvar esta pobre criança da desgraça que sofrerá como esposa de um homem que não a considerará digna de estar a seu lado, é que eu tome seu lugar.

Por um segundo, ninguém à mesa, exceto o duque, compreendeu a razão de tanto altruísmo. Ela continuou:

— Em vez de apresentarem lady Charlotte, como a noiva enviada por Vossa Majestade, vocês deverão apresentar a mim que conheço muito bem o príncipe e sei o tipo de vida que tem levado nos últimos cinco anos. Para ser franca, os lugares em que o encontrei não são frequentados por nenhuma mulher que se diga respeitável.

A baronesa estava horrorizada.

— Eu sou parecida com ele — a condessa declarou, desinibida. — Divirto-me em lugares que seriam considerados desprezíveis por todos os que frequentam o Castelo de Windsor. De repente ela ficou séria.

— Além de salvar Saionga dos russos, eu poderei divertir o príncipe. Será uma experiência interessante para mim. Lady Charlotte, no entanto, seria destruída através desse casamento, tanto física quanto emocionalmente.

O duque tornou a se sentar.

— Você está sendo sincera?

— Nunca fui tão sincera em minha vida. Sei o que me espera. E você também sabe o que acontecerá com essa jovem caso se case com o príncipe, ou então é mais idiota do que penso.

— Mas como poderá ocupar o lugar da noiva escolhida pela rainha? — indagou o barão.

— Eu tenho certeza de que a ideia de oferecer essa jovem ao príncipe foi proposta pelo pai dela. Aposto que lady Charlotte, desde seu nascimento, foi criada para se casar, um dia, com um homem importante, de preferência com um título de nobreza. E, como corre sangue azul em suas veias, herdado mesmo que seja de distantes ancestrais, a rainha aceitou imediatamente a sugestão.

— E a senhora? — quis saber o barão.

— Meu sangue é mais azul do que o dela! Sou descendente dos Stuart. Até mesmo um habitante da longínqua Saionga deve reconhecer esse nome. Minha família já deu seis reis a Escócia, desde o século catorze. O rei James VI, antes de se tornar James I da Inglaterra, também foi rei da Escócia. Se quiser, poderei lhe mostrar minha árvore genealógica. Sempre a carrego orgulhosamente comigo.

Ela fez uma pausa.

— Estou preparada para salvar lady Charlotte de uma experiência sumamente desastrosa e também para ajudar o príncipe, como somente uma mulher mais velha pode fazer, no governo de Saionga.

O silêncio, quando ela terminou de falar, foi total.

O barão foi o primeiro a tecer um comentário.

— Não vejo por que não acatar a sugestão da condessa. Creio que ela tem boas chances de ser bem sucedida.

— É claro que tenho — garantiu a condessa.

— Jamais alguém me surpreendeu tanto quanto você, Isabel — o duque afirmou inesperadamente. — Eu acho que sua sugestão foi brilhante. Pelo que ouvi falar, lady Charlotte e o príncipe não têm nada em comum. No mínimo, ela teria dificuldade em lidar com seu temperamento imprevisível.

— Quanto a mim, o tipo de vida que ele aprecia não me é novidade. Juntos nos divertiremos a valer.

— Está absolutamente certa, milady — concluiu o barão.

— Para ser franco, eu e minha esposa estávamos preocupados com o que lady Charlotte pensaria quando conhecesse o príncipe. — O barão baixou a voz. — Eu não me atrevi a dizer antes, mas o príncipe trouxe duas lindas mulheres para lhe fazer companhia no palácio. O Primeiro Ministro estava preocupado com a possibilidade de ele não afastá-las até a data da chegada de sua futura noiva.

A condessa deu uma gargalhada.

— Era o que eu esperava. Só me admiro por ele ter trazido apenas duas mulheres. — Em seguida, ela se dirigiu em tom ameaçador ao duque. — Você concorda ou discorda de mim?

— Claro que concordo. Apenas acho que, em primeiro lugar, deveria consultar lady Charlotte se ela está disposta a se retirar e permitir que você assuma seu lugar.

Miriam estava tão perplexa com o que acabara de ouvir que não conseguia sequer respirar. Parecia-lhe incrível que tivesse sido salva, no último momento, quando se decidira a admitir que era uma mentirosa.

Aquela mulher extraordinária que, por alguma razão desconhecida, travava uma batalha particular com o duque, esperava uma resposta e ela estava ansiosa por dá-la.

— Eu não queria aceitar a missão da qual me incumbiram, essa é a verdade. Dessa forma, só posso lhe agradecer por ter sido tão boa e compreensiva.

A condessa fez um gesto teatral.

— Viu, Ivan? Lady Charlotte é inteligente o suficiente para perceber que, na sua idade, nunca poderia satisfazer o príncipe, ou qualquer homem como ele. Mas eu quero lhes pedir algo. Ninguém deverá saber o que aconteceu aqui esta noite.

Ambos os homens deram suas palavras.

— Amanhã, quando desembarcarmos, serei o centro das atenções como a noiva trazida da Inglaterra. Aposto que o príncipe ficará surpreso ao me ver e muito aliviado.

O duque reconheceu a verdade daquela afirmação. No seu entender, inclusive, tanto o barão quanto a rainha haviam sido muito infelizes na escolha da noiva.

Em vez de enviarem uma mulher mais velha e experiente, pensaram em uma jovem pura e ingênua.

Naquele instante, o duque se deu conta do olhar malicioso que a condessa estava lhe dirigindo.

— Amanhã você verá o que está perdendo! — insinuou.

— Sou-lhe muito grato — o duque respondeu, ignorando o comentário.

A condessa simplesmente deu de ombros e avisou que estava se retirando para a cabine. Após dar um passo, parou diante de Miriam.

— Direi que trouxe uma jovem amiga comigo, que estava ansiosa por conhecer Saionga, e que será uma de minhas damas de honra.

Miriam não poderia se sentir mais grata. Fora salva no momento em que deveria dizer ao duque que era uma impostora. Agora poderia regressar a Inglaterra sem que ninguém descobrisse que ela não era Charlotte.

Sua gratidão a fez dirigir uma prece ao céu. Tinha certeza de que Apolo, no último momento, a salvara.

O duque também parecia aliviado, ela pensou. Sua única preocupação, agora, era quanto a viagem de volta. Preparado que estava para deixá-la em Saionga, o duque poderia ter feito outros planos.

Mas o mais importante era ela não ter sido obrigada a se delatar e se tornar alvo do desprezo geral e principalmente dele.

Uma carga imensa parecia ter sido retirada de cima de seus ombros.

— Guardarei meu segredo e assistirei ao casamento. Quando poderia ter imaginado essa mudança nos acontecimentos? — Miriam se perguntou.

A sua frente, porém, estendiam-se outras dificuldades.

O duque teria, obviamente, que contar a notícia ao conde e seu tio ficaria furioso quando descobrisse que Charlotte não mais seria uma princesa.

Por outro lado, ele já poderia estar ciente, a essa altura, de que ela havia tomado o lugar de sua filha, no iate, e que Charlotte já estava casada com um homem que ele desaprovava.

— Ainda há muitos problemas a serem resolvidos — Miriam falou consigo mesma —, mas esta noite, ao menos, eu poderei dormir sem chorar de tristeza por ter feito o duque se zangar comigo.

Deixou silenciosamente o salão e parou no deque a caminho da cabine. Os cruzadores já estavam bem visíveis, um de cada lado do iate. Eram menores do que os navios de guerra, mas estavam armados e era isso que importava.

Sentindo-se segura, Miriam olhou para o céu e admirou a beleza da lua e das estrelas.

Ao sul, não muito distante de onde estavam, encontrava-se a ilha de Delos, onde Apoio havia nascido.

O barão e a baronesa se juntaram a ela por um instante e depois se dirigiram à cabine. Enquanto isso, o duque conversava com a condessa.

— Por que tomou essa atitude?

— Se não posso ter você, quero ser uma princesa. Sempre fui ambiciosa e um título de princesa é mais bonito do que o de condessa. E no caso de não gostar do meu marido, tenho uma casa a minha espera na Inglaterra, no momento que eu quiser.

— Você não pode voltar atrás agora e deixar que os russos se apodemem de Saionga. A condessa deu de ombros.

— Não sou tão boba quanto você pensa. Assim que os russos se retirarem com medo da ofensiva inglesa, eu espalharei a notícia por todo o país. Também dobrarei ou até triplicarei a guarda.

O duque riu, divertido.

— Eu te conheço tão bem, Isabel. Você não está agindo assim nem por humanidade nem por vingança. Não quer, realmente, tentar me mostrar o que perdi em não a querer a meu lado. Você sempre adorou o sucesso, a admiração dos outros. Sabe de uma coisa? Você tem razão. Nasceu para ser uma princesa. O título combina com você.

— Fico contente que pense assim, mas vamos deixar um ponto bem claro. Eu não teria conseguido o que consegui se o destino não nos tivesse reunido em Atenas, e se você não tivesse sido honesto em me dizer que não haveria possibilidade de um futuro juntos.

— Eu pensei muito, Isabel. Tivemos bons momentos e eu sempre me lembrarei de você com carinho, apesar do fim tempestuoso de nossa relação. Mas, como acabo de dizer, nossa relação acabou e não adianta tentarmos revivê-la.

— Imagine pelo menos o que poderia ter sido. Nós faríamos o tempo parar nesta noite, arrumaríamos nossas malas e fugiríamos.

A condessa viu quando o duque balançou a cabeça, mas insistiu.

— Em vez de ficarmos nos preocupando com aquela garota inglesa insípida, nós a deixaríamos para ser entregue ao príncipe, conforme os planos originais, e viajaríamos no seu iate ao encontro de deliciosas aventuras.

— Parece muito fácil, mas todos nós sabemos que águas passadas não movem o moinho. O que passou, passou, Isabel.

— Em outras palavras — a condessa o interrompeu —, você tem certeza de que não me quer mais. Muito bem. Serei a princesa mais invejada dos Bálcãs. E você, quando for velho, olhará para mim, coberta de jóias em meu trono, e se arrependerá do que fez.

— Você está com raiva de mim, mas eu lhe desejo felicidade, toda a felicidade possível, ou talvez fosse mais apropriado eu dizer todo o sucesso possível.

— Que eu garanto a você irei conseguir.

Ela começou a caminhar em direção a porta, mas antes de sair olhou para trás.

— Suponho que seria pedir demais se eu quisesse celebrar nossa despedida de um modo mais íntimo e agradável.

O duque a fitou e lentamente negou com um movimento de cabeça.

Ela apertou os lábios e saiu, batendo a porta com força.

Nesse instante o duque fechou os olhos e deu um profundo suspiro. Era sempre difícil terminar um romance quando a mulher estava determinada a continuar.

Como se quisesse tirar a condessa definitivamente de sua cabeça, o duque bebeu o que restava no copo e foi para o deque encontrar Miriam que, conforme ele esperava, estava debruçada na amurada.

— Os cruzadores já se encontram a postos. Você não poderia ter tomado uma decisão mais acertada — ela o parabenizou.

— Agora, quando chegarmos, os russos levarão um choque. Nunca poderiam imaginar que fôssemos chegar escoltados por navios armados.

— Espero que o choque os desperte — murmurou o duque.

— Mas tenho uma tarefa a cumprir. Preciso ir até os respectivos responsáveis pelo comando dos cruzadores. Gostaria de ir comigo?

Os olhos de Miriam brilharam como se refletissem as estrelas.

— Posso mesmo?

— Seria um prazer para mim.

— Espere só até eu apanhar um xale para colocar sobre os ombros.

— Enquanto isso vou falar com o capitão e verificar se nosso barco já está preparado.

Miriam foi correndo até a cabine e apanhou o xale chinês que o duque lhe dera de presente em Gibraltar. Jogou-o sobre os ombros e mirou-se no espelho. Ele combinava muito bem com seu vestido cor-de-rosa.

Quando voltou para o deque, viu o duque descendo a escada de corda para chegar até o barco que os levaria até os outros navios. Já instalado, ele avisou-a para descer sem medo, pois não havia qualquer perigo.

No momento em que a segurou pela cintura para equilibrá-la, Miriam sentiu que estremecia.

Amava-o cada vez mais e estava feliz por poder estar com ele ainda aquela noite e talvez mais outras, enquanto não tivessem de regressar a Inglaterra. E o que era mais importante: sem saber que ela era uma impostora.

Sentia-se grata à condessa. Quando poderia ter imaginado que a mulher que lhe despertara tanto ciúme, fosse sugerir uma solução tão maravilhosa?

O barco começou a se mover pelas águas escuras, movido pelos remos que subiam e desciam em um ritmo cadenciado. Em poucos minutos chegaram ao primeiro cruzador, cujo capitão os aguardava.

— Estou imensamente grato a Vossa Senhoria — declarou o duque —, por ter vindo em nosso auxílio e nos poupado a apreensão de chegar a Saionga sem uma devida escolta.

— Eu compreendo o problema, milorde, e sinto-me satisfeito em poder lhe prestar este serviço.

O capitão os levou à sua cabine que era dividida à maneira tradicional, com uma cama de quatro colunas de um lado e uma mesa redonda do outro.

Sentaram-se no sofá, perto da mesa.

— Agradeço, milorde, a garrafa de champanhe que me enviou e espero que beba uma taça comigo num brinde ao casamento que, pelo que soube, será realizado assim que chegarmos.

— É o que esperamos — respondeu o duque. — Como ingleses que são, todos os membros de sua tripulação estão convidados para assistir a cerimônia.

O capitão o fitou com perplexidade e o duque resolveu explicar:

— Mesmo que disfarçados, os agentes russos estão presentes por toda a parte. Assim sendo, quanto mais nós enfatizarmos o interesse da Inglaterra no país, melhor será.

— Tem razão, milorde. Posso até providenciar uma salva de tiros no momento de nossa chegada e outra no dia do casamento.

— Se nada mais funcionar, sua ideia dará provas aos russos de que estamos preparados para enfrentar qualquer desafio.

— Eu concordo. Os russos terão uma boa surpresa.

Em silêncio, enquanto observava, Miriam se sentiu orgulhosa do duque. Ele era tão esperto e inteligente. De repente, porém, lhe veio o pensamento de que não fora o duque quem se lembrara de que o príncipe precisava de uma esposa mais madura e experiente, mas a condessa.

— Não consigo entender por que ela está tão ansiosa por se casar com o príncipe.

O instinto lhe respondeu, embora ela não pudesse ter certeza. A condessa tomara aquela atitude por causa do duque.

Permaneceram apenas alguns minutos nos cruzadores ingleses e logo voltaram ao Sereia que, a essa hora, estava vazio a não ser pelo vigia.

Não havia luz em nenhuma cabine, nem no salão.

— Estão todos dormindo — comentou Miriam.

— É o que também precisamos fazer — aconselhou o duque.

— Lembre-se de que amanhã será um dia cheio. Você deverá se apresentar muito bonita e descansada para surpreender e deleitar o povo, quando for recepcionada, respondendo a seus cumprimentos na própria língua deles.

— Você se esquece de que não serei mais a pessoa mais importante a bordo.

— Eu não esqueci. Estou certo de que a condessa atrairá a atenção de todos e que, embora, não fosse esse o plano, será recebida com uma salva de palmas.

Miriam não pôde evitar um sorriso.

— Ela merece. Sou muito, muito grata à condessa.

— Não está lamentando sua sorte? Afinal você estava prestes a se tomar uma princesa.

— Não lamento nem um pouco — Miriam respondeu com firmeza. — Nunca me deixei impressionar por títulos de nobreza, como as outras pessoas. Sinto-me profundamente grata à condessa por ela me ter salvo de um casamento com um homem estranho.

— Diga isso a ela.

— Eu disse e tornarei a repetir uma porção de vezes. Mas, acima de tudo, sou grata a Apolo. Ele ouviu minhas preces, quando estivemos em Atenas. Sei agora que ele me adotou e que me protegerá para sempre. Nunca mais me sentirei assustada nem insegura.

O duque não respondeu.

Ela não sabia que ele havia adivinhado a verdade. Que ela rezara a Apolo, especialmente, para que ele lhe desse o amor.

CAPÍTULO 7

Miriam sentiu dificuldade em conciliar no sono após tantos acontecimentos surpreendentes. Sentia-se como se tivesse acabado de fechar os olhos quando foi acordada pelo comissário que lhe trazia uma bandeja com uma xícara de chá, pão e manteiga. Como nas grandes casas.

Ela agradeceu e pensou que o duque havia treinado muito bem seus serviçais.

— Vossa Alteza pede que milady esteja pronta às dez e meia. — Obrigada.

Meia hora depois, trouxeram-lhe o desjejum completo com sucos, frutas e bolos.

O duque comentou, mais tarde, que dera ordens para que os convidados fossem servidos em suas próprias cabines, em vez de se dirigirem ao salão, porque acreditava que as mulheres precisariam de mais tempo para se prepararem para o desembarque.

Miriam comeu com prazer, depois se levantou, e tomou um banho. Seu vestido, um dos mais lindos que trouxera, já estava separado, sobre uma cadeira, desde a noite anterior. E também o chapéu que lhe fazia conjunto.

Trouxera vários vestidos mais glamourosos consigo, mas decidira que seria melhor não atrair a atenção das pessoas mais do que a condessa. Afinal, ela seria apenas a dama de honra no casamento, e não mais a noiva.

O vestido azul-claro não seria digno sequer de um almoço na cidade de Londres, na opinião de Charlotte, mas Miriam o preferiu aos outros, também por combinar com a cor dos seus olhos.

Olhou-se no espelho e penteou cuidadosamente os cabelos.

"Eles estão mais brilhantes do que o costume, porque me sinto feliz", pensou. "Não precisei me casar com o príncipe, nem, o que seria pior, contar ao duque sobre minha mentira. Ele nunca saberá que o enganei e também ao barão.

No momento de desembarcarem, ficaria atrás dos outros para que ninguém a notasse. Dessa forma, poderia apreciar os festejos com prazer e não com apreensão.

O duque tomou todas as precauções para que não chegassem atrasados.

As quinze para as dez, o comissário bateu nas portas das cabines e pediu aos convidados para que se dirigissem ao salão.

Como estava pronta, Miriam seguiu imediatamente para lá e observou, pelo caminho, que os marinheiros haviam hasteado as bandeiras. Olhou para os lados e constatou que os cruzadores também as exibiam orgulhosamente em seus mastros.

A porta do salão estava aberta de par em par e ela entrou.

O duque era o único presente e estava tão bem vestido que poderia ser o noivo. Ele lhe sorriu.

— Bom dia. Permita-me cumprimentá-la pela pontualidade. Essa é uma virtude que falta na maioria das mulheres.

— Meu pai sempre insistiu em pontualidade — Miriam comentou, irrefletidamente. Oxalá o duque nunca houvesse percebido que seu tio, o conde, sempre chegava atrasado em seus compromissos.

Na tentativa de encobrir seu erro, procurou mudar de assunto.

— Há muita gente a nossa espera?

— Uma multidão. Dê uma olhada pela vigia e constatará por si própria. Eu confesso que não esperava tanta receptividade. — Ele baixou bastante o tom de voz. — Que a condessa não me ouça, mas eu acho que a presença de tanta gente não se deve à curiosidade pela noiva do príncipe, mas pelos cruzadores.

Miriam deu uma risadinha.

— Tem razão. É melhor que ela não o ouça.

O barão e a baronesa se reuniram a eles naquele instante.

— Viram que multidão nos espera? — indagou o barão.

— Muito maior do que eu imaginava — concordou o duque.

— Aliás, eu estava acabando de comentar a esse respeito com lady Charlotte. E o que é melhor, eu estou certo de que o povo de Saionga não ficará desapontado com o que foi planejado.

— O que foi planejado? — o barão quis saber. — Não me diga que já estive em terra.

— Não, é claro que não — replicou, o duque. — Mas um porta-voz subiu a bordo esta manhã para me explicar os procedimentos ditados pelo Primeiro Ministro que será o responsável pela recepção da noiva.

O barão ergueu uma sobancelha em demonstração de surpresa.

— O Primeiro Ministro?

— Sim. Eu também estranhei. Julguei que fosse o príncipe, em pessoa, quem iria recebê-la, mas ele preferiu esperar em seu palácio.

O barão fez um gesto de assentimento. Miriam não respondeu. A verdade era que todos estavam pensando que a atitude do príncipe era quase um insulto.

A futura noiva havia viajado uma longa distância para encontrá-lo e era recomendada pela rainha. E o príncipe, como noivo, só teria de comparecer ao porto que ficava próximo do seu palácio.

Era uma atitude típica dele, em seu egoísmo, não fazer nenhum esforço para agradar as outras pessoas.

Os ponteiros do relógio estavam prestes a marcar a hora, quando o duque avisou:

— Não se assustem nem fiquem nervosos quando ouvirem tiros. Os marinheiros estarão atirando para o ar para que os russos se intimidem ainda mais com nossa chegada.

Antes que qualquer um dos presentes fizesse algum comentário, soou o primeiro estampido. E depois os outros.

O iate parecia tremer a cada disparo.

Ao findarem os tiros, seguiram-se gritos de apreciação e ovações por parte da multidão.

Apenas nesse momento, com um certo atraso, surgiu a heroína do dia.

Miriam a examinou e pensou que não era motivo de surpresa que ela houvesse demorado tanto. Estava vestida e maquiada com esmero. Seu vestido em tom de rosa era magnífico. Conforme a condessa caminhava, trazia uma cauda bordada com pedrarias que pareciam diamantes em forma de gotas de chuva.

O corpete apertado acentuava suas formas femininas.

O efeito era fantástico.

Além do vestido que, por si só teria atraído a atenção geral, a condessa exibia uma coleção de diamantes de fazer inveja a qualquer mulher.

Seu colar era de três voltas assim como as pulseiras.

Como ela carregava as luvas, em vez de vesti-las, era possível ver os anéis que trazia em ambas as mãos.

Embora exagerada, a condessa estava linda.

O duque, apenas, parecia não aprovar sua apresentação, pois havia um brilho de sarcasmo em seus olhos.

— Bravo, Isabel! Devo aplaudir agora ou me juntar à multidão?

— Por que não agora e depois outra vez? Nunca me canso de ouvir elogios.

Havia uma certa mordacidade em suas palavras. Era óbvio que a condessa ainda não havia esquecido o que acontecera de desagradável, que a perturbara tanto, na noite anterior.

— O Primeiro Ministro está a sua espera — observou o duque, oferecendo-lhe o braço. — E também, como você pode notar, a cidade inteira.

Caminharam lentamente até o capitão e os demais oficiais que os aguardavam no alto da escada. Quando lá chegaram, o duque se deteve para que o povo pudesse ver, pela primeira vez, a futura princesa.

Miriam não conseguia afastar os olhos da figura do duque. Nenhum homem poderia parecer mais bonito nem mais importante.

A condessa, ela acreditava, não era exatamente o que as pessoas deveriam estar esperando. Ela era muito mais bonita.

Naquele instante os cruzadores tornaram a disparar e o duque e a condessa prosseguiram.

Ao pé da escada havia sido colocada uma plataforma, onde o Primeiro Ministro e os membros mais distintos do Gabinete os aguardavam.

Uma banda também fora trazida e o hino nacional britânico começou a ser tocado no momento em que o duque e a condessa subiram.

A multidão fez silêncio.

As mulheres se acotovelavam, Miriam notou, para chegarem mais perto.

Ao hino da Inglaterra seguiu-se o de Saionga.

Foi só ao seu término que o Primeiro Ministro deu um passo a frente.

— Seja-bem vinda, milady, em nome do príncipe Nikita e do povo de Saionga.

Seu inglês era carregado e a maioria das palavras não foram reconhecidas nem pela condessa nem pelo duque.

Miriam, entretanto, entendeu a mensagem e notou que ele era sincero em sua recepção. Disse que era extremamente grato não apenas pela chegada da comitiva inglesa como também pela escolta dos dois cruzadores.

Os outros membros do governo, Miriam percebeu, não conseguiam afastar os olhos dos cruzadores, como se tivessem dificuldade em acreditar que eles estavam realmente ali.

Terminado o discurso, a condessa agradeceu polidamente em inglês, e o barão serviu de intérprete entre ambos.

Na sua vez, o duque disse algumas palavras em nome da rainha. O que disse também foi traduzido.

Em seguida, foi trazida uma carruagem puxada por quatro cavalos brancos, até a plataforma.

O duque e a condessa ocuparam o banco traseiro, de frente para o Primeiro Ministro e para o Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros.

Tão logo ela partir, por entre a multidão, uma segunda carruagem foi trazida para Miriam, para o barão, a baronesa e o embaixador inglês em Saionga.

Assim que se afastaram do porto, Miriam pôde ver a cidade, que era a capital daquele país, e muito mais bonita do que ela esperava.

Todas as ruas eram arborizadas. As casas e lojas, por onde passaram a caminho do palácio, eram cobertas por telhas vermelhas, o que dava um toque pitoresco ao lugar.

Foram as flores e as árvores, porém, que Miriam considerou particularmente encantadoras.

O palácio ficava um pouco distante do centro e fora construído no topo de uma colina, com muitas flores e árvores ao seu redor.

Diante de cada portão de entrada havia um chafariz, cujas águas jorravam para o céu, criando minúsculos arco-íris.

— É lindo! Realmente lindo! — Miriam exclamou ao barão.

— Foi a mãe de Vossa Alteza Real, o príncipe Nikita, quem ordenou essa decoração — o homem explicou. — Mas tenho certeza de que não ficará fascinada apenas com a frente do palácio. Há um bonito lago artificial nos fundos e também uma fonte com estátuas de dois cupidos.

Miriam disse a si mesma que não poderia voltar para casa antes de vê-la. Queria, aliás, conhecer toda a cidade, se possível.

Lembrava-se do que fora dito a bordo do Sereia. O príncipe estava tão alarmado com a infiltração russa no país, que o casamento precisaria ser realizado de imediato, talvez no dia seguinte. O mais provável era não haver tempo para passeios.

"Depois disso, todos desejarão se livrar de mim", Miriam pensou.

Sua única esperança era que o duque se oferecesse para levá-la até a Inglaterra, mas um pressentimento lhe dizia que ele daria preferência a uma viagem sem acompanhantes, para descansar.

Contrataria um agente para levá-la em segurança até a estação mais próxima onde os trens que vinham de Constantinopla faziam uma parada antes de seguirem para a França.

O barão estava lhe mostrando todos os pontos turísticos que se apresentavam pelo caminho. Miriam agradecia a atenção e murmurava palavras de elogio. De sua mente, porém, não saía o pensamento de que deveria ter sido ela a ocupar a primeira carruagem.

A condessa acenava para as pessoas que se amontoavam pelas ruas a fim de saudá-la. As crianças atiravam flores sobre a carruagem.

Não fosse a presença do embaixador inglês, ela poderia ter conversado mais abertamente com o barão, mas haviam jurado segredo.

Tinha certeza de que o barão estava aliviado com o oferecimento da condessa. Ele seria parabenizado pela brilhante escolha. O príncipe lhe diria que não poderia ter escolhido uma noiva mais apropriada.

A carruagem começou a subir a encosta até que, por fim, se deteve diante de uma imensa escadaria de mármore branco, com leões, também em mármore, de ambos os lados.

Conforme descia, Miriam notou que a primeira carruagem já estava se afastando enquanto o duque e a condessa se preparavam para subir.

O Primeiro Ministro e o Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros se posicionaram aos pés da escada, para que ela, como dama de honra, pudesse caminhar logo atrás da condessa.

Miriam pensou que o príncipe os receberia no hall. No entanto, apenas Lorde Chamberlain os aguardava. Este, após as devidas boas vindas informou ao duque que o príncipe os esperava em sua sala particular.

— Com vossa permissão, milady e milorde, eu os levarei até lá.

O duque agradeceu e a condessa sorriu. Miriam, por sua vez, conforme seria o esperado, se limitou a segui-los pelos longos e amplos corredores onde estavam

expostos magníficos quadros sob o aspecto decorativo, mas que não eram de grande valor.

Lorde Chamberlain os levou por um caminho, que pareceu interminável, até chegarem a uma ala especial do palácio reservada para o príncipe.

Dois homens guardavam a entrada da sala. Lorde Chamberlain lhes fez um sinal e a porta dupla foi imediatamente aberta.

— Vossa Alteza, o duque de Dunstead, representante de Vossa Majestade, a rainha Victória da Inglaterra, que traz com ele a futura noiva de Vossa Alteza Real.

A voz ecoou pelas altas paredes da sala até chegar ao príncipe que os aguardava em uma cadeira de espaldar alto deliberadamente colocada para dar a impressão de um trono.

Por um momento, após a apresentação, fez-se completo silêncio.

Ao movimento do príncipe de se levantar, o duque e a condessa deram, lentamente, alguns passos. Em seguida, para espanto de todos e principalmente de lorde Chamberlain, a condessa soltou o braço do duque e correu em direção ao príncipe.

— Sou eu, Nikita! — a condessa exclamou, ao mesmo tempo em que se atirava nos braços do príncipe. — Eu! Só agora soube que seria você meu futuro marido! Oh, Nikita, que sorte! Que excitante!

O príncipe, que ficou como que paralisado de surpresa, por alguns segundos, beijou a condessa em ambas as faces.

— Eu também não tinha ideia, Isabel — respondeu em francês —, de que minha noiva seria você. Você entre tantas mulheres! Estou encantado. Completa e absolutamente encantado.

Ninguém ainda havia ousado se mover diante da cena inesperada, mas realmente agradável.

Por fim, o príncipe pareceu se lembrar de que não estava a sós com a condessa.

— Ouvi mencionarem o nome do duque de Dunstead?

— Sim, é claro que ouviu — replicou a condessa. — Foi ele quem me trouxe aqui, em seu iate, de acordo com as instruções da rainha Victória, e está ansioso por conhecê-lo.

O duque avançou um passo e fez uma reverência.

— Creio que já nos encontramos antes — disse o príncipe, a mão estendida.

— Em circunstâncias bastante diferentes, senhor — comentou o duque —, mas sinto um imenso prazer em estar em sua presença e em ter lhe trazido sua velha amiga e agora noiva, que espero possa fazer Vossa Alteza Real muito feliz.

O príncipe olhou para a condessa.

— Se você soubesse o medo que eu estava sentindo de que a rainha pudesse me enviar uma noiva que não fosse do meu agrado. Mas fui um tolo. Todos comentam que ela sempre teve bom gosto.

Seguiram-se risos ao comentário.

— Vossa Alteza Real deve agradecer ao barão Korsakov pela ajuda que nos deu e permita-me lhe apresentar, agora, lady Charlotte Woode que nos acompanhou na viagem.

O duque estendeu a mão para Miriam e a levou para junto do príncipe, onde Miriam fez uma profunda reverência.

— O pai dela — explicou a condessa —, é o mestre da cavalaria da rainha. Um posto que, como você deve saber, Nikita, é muito importante na Inglaterra.

— Sim, eu sei — concordou o príncipe. — Para ser franco, essa é uma das coisas que precisamos ter aqui: melhores cavalos.

— Estou certa de que o duque poderá ajudá-lo nesse sentido — comentou a condessa.

— Se não se importa, eu realmente gostaria de discutir a esse respeito antes de sua partida — o príncipe se dirigiu ao duque.

O príncipe era muito diferente do que Miriam imaginava. Depois de tudo o que ouvira sobre sua personalidade e comportamento, esperara estar diante de um homem antipático e repulsivo. No entanto ele era muito bonito apesar das pequenas rugas que começavam a se formar sob seus olhos, entre as sobrancelhas e ao redor dos lábios. Seu aspecto era imponente. Apesar de seu interesse pelas mulheres, deveria ser um bom governante.

Para o bem do seu país, concordara, inclusive, em aceitar uma noiva inglesa. Entretanto, mesmo que tivesse simpatizado com ele, Miriam admitia que teria sentido muito medo caso a condessa não tivesse surgido em cena.

— Peço que todos se sentem — comunicou o príncipe —, pois lorde Chamberlain tem algo muito importante a lhes dizer.

Foi só nesse momento que Miriam se deu conta de que os demais membros do governo, que vieram recebê-los, não haviam sido convidados a entrar na sala particular do príncipe.

As únicas pessoas naquela sala eram o príncipe, o duque, a condessa, o Primeiro Ministro, lorde Chamberlain e ela.

— Escolhi este local — explicou o príncipe — pois o que está para ser dito não deve chegar ao conhecimento de ninguém.

O príncipe se sentou e a condessa a seu lado. No mesmo instante ela o segurou pela mão da mesma forma que Miriam a vira agir com o duque. Os dois se entreolharam e sorriram como se estivessem antecipando os prazeres que experimentariam em breve.

Lorde Chamberlain, então, pigarreou, e olhou por sobre cada um de seus ombros, como se quisesse ter certeza de que não seria ouvido por pessoas não autorizadas!

— A situação está fugindo de nosso controle. Na noite passada houve um início de rebelião do outro lado da cidade.

— Uma rebelião! — o duque exclamou.

— Os russos são especializados nesse tipo de movimento.

Eles se infiltram pelo povo e instigam as pessoas a se rebelarem contra o governo.

— O que eles fizeram, exatamente?

— Incendiaram algumas lojas e jogaram dentro de uma fonte aqueles que tentaram impedi-los. Não houveram mortes, mas vários feridos. A Rússia será informada, sem dúvida, de que a cidade está em tumulto e que eles devem invadi-la o mais rápido possível de forma a restaurar a paz.

Lorde Chamberlain deu um suspiro.

— Temos visto casos como este acontecerem repetidamente nos Bálcãs. Tememos que o pior aconteça aqui a qualquer momento.

— Acredita que nossa chegada os impedirá de dar prosseguimento à invasão?

— Estou certo que sim — retrucou lorde Chamberlain. — Rezamos muito para que chegassem em tempo. O que não esperávamos, mas que, sem dúvida, garantiu o sucesso da missão, foi a escolta de dois cruzadores.

— Mal pude acreditar quando fui informado — confessou o príncipe. — Para ser franco, pensei que se tratassem de navios russos, armados até o teto.

— Eu tive muita sorte em encontrá-los quando aportei em Atenas, por algumas horas. Ambos os cruzadores estavam retornando de uma missão ao Egito.

— Vossa Alteza os trouxe para cá no momento certo. Minha gratidão é tanta que não posso expressá-la em palavras — declarou o príncipe. Em seguida ele se virou para a condessa e continuou — Eu estava planejando pegar o trem para Paris esta noite.

— Isso seria o mesmo que fugir — observou a condessa.

— Eu sei — confessou o príncipe —, mas eu não podia me arriscar a cair em mãos russas.

A condessa sorriu e apertou-lhe a mão.

— Vocês chegaram para nos salvar — continuou o príncipe, agora se dirigindo ao duque. — Tudo mudou. Mas a opinião de lorde Chamberlain é que seria prudente se o casamento fosse realizado de imediato.

— Vossa Senhoria acredita que isso é realmente necessário? — indagou o duque.

— Tenho certeza — afirmou o lorde. — Se esperarmos, os russos poderão tentar outra vez. Seria desastroso se atacassem o palácio e sequestrassem o príncipe.

— Certamente — concordou o duque.

— Dessa forma, eu combinei com o arcebispo que o casamento deveria ser realizado amanhã ao meio-dia. O almoço em comemoração às bodas seria feito aqui mesmo no palácio.

O homem fez uma pausa e olhou para o príncipe, que estava rindo.

— Antes de vocês chegarem, eu estava cogitando onde poderíamos passar nossa lua-de-mel. Pensei em ficar aqui mesmo no palácio, mas acabo de mudar de ideia. Você e eu, Isabel, iremos, em primeiro lugar, para meu palácio de verão na praia, que é muito bonito. Depois, quando tudo estiver calmo, viajaremos para um lugar maravilhoso que nós dois sabemos onde fica.

A condessa sorriu e Miriam e o duque souberam, sem que qualquer palavra fosse dita que o príncipe estava se referindo a Paris.

— Estou profundamente aliviado — disse lorde Chamberlain. — Neste momento, senhores, caso queiram descansar, eu os conduzirei até a ala leste, onde foram reservados os mais confortáveis aposentos. Em seguida, serão dadas as ordens aos mensageiros para que espalhem por toda a cidade a notícia de que o casamento será realizado amanhã de manhã.

— E quanto aos russos? Acha que realmente não precisamos mais nos preocupar?

— Não depois de sua chegada triunfal. Quando surgiram os rumores de que o príncipe esperava uma noiva inglesa enviada pela rainha, nossos espiões nos informaram que os russos caçoaram da ideia. Na opinião deles, Saionga não era importante o suficiente e que a rainha não tomaria conhecimento do pedido feito através do barão Korsakov. Eles disseram ainda mais. Que não existem mais tantas mulheres com sangue azul suficiente e que as atuais não devem se casar fora da Inglaterra.

— Eu imaginei que poriam isso em dúvida e trouxe minha árvore genealógica para provar minha origem. — A condessa abriu a bolsa e retirou uma folha de papel dobrada ao meio que entregou a lorde Chamberlain. — Meu conselho é que mande tirar quantas cópias forem necessárias para serem distribuídas à imprensa. Dessa forma, ninguém mais discutirá o assunto e a verdade chegará até St. Petersburg.

O príncipe não cabia em si de felicidade.

— Esperava uma grande ajuda por parte da Grã-Bretanha e de Vossa Majestade, mas nunca sequer sonhei que ela fosse me enviar alguém por quem sinto tanta admiração e com quem já cruzei várias vezes o meu caminho. Tenho certeza de que após nosso casamento, Saionga se tomará um país muito mais desenvolvido e conhecido na Europa. Afinal a princesa regente é ambiciosa além de linda.

Miriam os fitava e agradecia a Deus por não ter sido ela a noiva. Enquanto a condessa o fazia feliz por gostar dos mesmos tipos de divertimentos que ele, ela o entediaria com sua inexperiência.

De repente o duque se levantou:

— Creio que é o momento de deixarmos os noivos a sós. Enquanto isso lady Charlotte e eu cuidaremos das bagagens e providenciaremos para que tudo esteja arrumado ao gosto da condessa.

— Obrigada — a condessa agradeceu. — Por favor, Ivan, providencie, também, para que eu tenha uma camareira à minha disposição. Precisarei de uma série de providências, inclusive de um buquê.

O duque e Miriam fizeram uma reverência ao casal e deixaram a sala, conduzidos por lorde Chamberlain.

No corredor, encontravam-se o Primeiro Ministro e os demais dignitários que os haviam recepcionado no porto. O duque pensou em lhes contar o que havia sido combinado, mas lorde Chamberlain se antecipou.

— Está tudo certo, Primeiro Ministro. Enviarei agora mesmo uma mensagem ao arcebispo de que a cerimônia deverá ser realizada, na catedral, ao meio-dia. Como os noivos desejam ficar a sós, os senhores estão dispensados.

Os aposentos eram realmente amplos e confortáveis. O quarto maior estava destinado à condessa, como não podia deixar de ser. Miriam ficaria no quarto ao lado e o duque do outro lado do corredor.

— Tudo correu melhor do que eu esperava — murmurou o duque quando lorde Chamberlain se afastou para ordenar que os criados trouxessem as bagagens. — Tem certeza de que não está arrependida por não ser a noiva?

— Meu alívio é tanto que sinto vontade de chorar e de rir ao mesmo tempo. O príncipe não me pareceu tão horripilante quanto a condessa o fez parecer, mas assim mesmo não sinto a menor inclinação por ele.

O duque estava prestes a fazer algum comentário, Miriam percebeu, mas a chegada de lorde Chamberlain os interrompeu. Ele propunha um tour pelo palácio antes do almoço.

Miriam aceitou. Afinal aquela poderia ser sua única chance de conhecer o lugar onde teria passado a viver, não houvesse acontecido um milagre.

A noite, foi oferecida uma recepção com jantar para que a noiva fosse apresentada aos membros mais importantes do Parlamento.

O príncipe fez questão de se recolher cedo, ao contrário de seu hábito.

— Não suporto mais ouvir falar sobre os russos — ele sussurrou à condessa.

— Não me admiro. Ainda bem que eles não deverão mais importuná-lo no futuro.

— E verdade. Lorde Chamberlain esteve comigo, há pouco, para informar que os russos já estão se retirando e que ele aposta que amanhã, até nosso casamento, não restará mais nenhum!

— Ainda bem. Eu jamais gostei dos russos. Mesmo o czar não me agradou quando estive em St. Petersburg.

— Bem, um amante a menos em minha lista — riu o príncipe, que havia bebido um pouco além da conta.

Miriam sentiu um arrepio de horror. Agora, mais do que nunca, tinha certeza de que não poderia ser feliz com um homem como o príncipe, que falava abertamente de assuntos que seu pai nunca discutiria.

— Fui salva no último momento. Sei que Apolo me iluminou com sua luz.

O dia amanheceu ensolarado e Miriam se apressou a ajudar a condessa. Esta, por sorte, havia trazido de Paris um modelo, feito pelo grande Frederick Worth, que daria um perfeito vestido de noiva, embora fosse prateado em vez de branco.

O tecido brilhava a cada movimento da condessa e combinava esplendidamente com sua tiara, emprestada pelo palácio, e que, mais tarde, seria substituída pela coroa tradicional da família.

— Está linda, condessa! — Miriam a parabenizou. — Todos dirão que é uma princesa dos contos de fada.

— Não vejo a hora de me tornar princesa de verdade e de ganhar muitas jóias que aumentem minha coleção.

Miriam nada comentou, mas sabia que muitas deveriam ter sido presenteadas pelo duque.

Foram levados, a noiva, o duque e Miriam, por uma carruagem dourada até a igreja.

O duque estava muito atraente em seu fraque coberto de medalhas, com um fita azul presa ao ombro, e uma fita vermelha atada ao pescoço.

Miriam, que quase não possuía jóias, usava apenas uma pequena cruz de diamantes ao redor do pescoço, que havia pertencido à sua mãe. Sobre a cabeça levava uma coroa de pequenas rosas brancas e nas mãos um buquê de rosas e lírios.

A multidão acenava à passagem da carruagem. Diante da igreja estendia-se um tapete vermelho ladeado por soldados armados, que procuravam conter o povo.

A igreja, apesar da rapidez com que fora marcada a cerimônia, estava lotada. Os nobres, aparentemente, haviam viajado durante a noite, quando souberam da chegada do iate.

Terminada a cerimônia, que foi muito bonita, a princesa tirou sua tiara e o príncipe a coroou. Em seguida o arcebispo abençoou o casal, dizendo que seria dever de ambos, no futuro, protegerem Saionga.

Os noivos percorreram a nave principal e deixaram a igreja para serem aplaudidos pelo povo por quase um quarto de hora.

Miriam mais uma vez tentou se colocar no lugar da noiva, e mais uma vez agradeceu sua sorte.

Os noivos seguiram em uma carruagem e Miriam e o duque subiram na próxima. Ela estava vibrando com a ideia de que iria sozinha com ele para o palácio, mas lord Chamberlain os acompanhou.

— Preciso chegar logo para garantir que tudo corra bem.

— Foi uma belíssima cerimônia. O senhor trabalhou muito bem em seus preparativos.

— Obrigado. Jamais poderei lhe agradecer o suficiente. O príncipe está muito feliz.

Chegaram ao palácio em poucos minutos e participaram do almoço que reuniu quase mil pessoas.

Por volta da hora do chá, o duque se aproximou inesperadamente e lhe perguntou se estava com as malas prontas.

— Sim, eu imaginava que quisesse ir embora hoje mesmo.

— Nós vamos agora, assim que nossas bagagens forem levadas ao iate. Como não aprecio as despedidas, peço que saia comigo pela porta lateral.

Miriam o seguiu e ele a segurou pela mão no momento de entrarem na carruagem.

— Agora que cumprimos brilhantemente nosso dever, precisamos pensar em nós mesmos — disse o duque.

Miriam se preparou para não chorar. Tinha certeza de que o duque a levaria até a estação e que nunca mais o veria. Ergueu os olhos para ele e apertou os lábios.

— Estava encantadora hoje. Nenhuma mulher no mundo poderia se comparar a você. Tive dificuldade em me concentrar no casamento que estava sendo realizado quando só queria pensar no nosso.

Miriam arregalou os olhos.

— Nosso casamento?

— Sim, minha querida. Já deve ter percebido que estou apaixonado por você — o duque sorriu. — E eu posso estar enganado, mas sinto que você também me ama.

Antes que Miriam pudesse recuperar o fôlego, o duque a tomou nos braços e beijou-a nos lábios.

Ela soube, então, que havia ganho o que tanto ansiara. O amor com que tanto sonhara.

— Sim, eu te amo, embora não tivesse esperança.

— Eu te amei desde o primeiro momento em que te vi — o duque declarou. — Não pode imaginar o que sofri quando pensava estar levando-a para um outro homem.

Miriam se lembrou de que o casamento não teria se realizado mesmo que a condessa não tivesse se oferecido para ocupar seu lugar.

— Para não correr mais o risco de perdê-la, quero me casar com você agora em uma capela perto do porto. Depois viajaremos no Sereia, em lua-de-mel.

— Oh, eu também te amo, mas quando souber o que fiz, talvez não me queira mais. O duque sorriu.

— Isso seria impossível. Acontece que eu já sei que seu nome não é Charlotte, e sim Miriam.

— Você sabia?

— Sim, e estava sempre me perguntando até quando você levaria adiante a farsa.

— Como descobriu?

— Eu conheço o homem que você dizia ser seu pai, mas que na verdade é seu tio. Embora ele seja um perito em cavalos, nunca poderia ter lhe ensinado as coisas que você me contou.

— Você também sabe por que eu fingi ser minha prima? — Miriam indagou num fio de voz.

— Conhecendo seu tio como conheço, imaginei que ele quisesse um casamento pomposo para a filha e que não admitiria que ela se apaixonasse por um homem comum.

— Sim. Charlotte se apaixonou por nosso vizinho, um rapaz charmoso e inteligente. Mas como ele não é importante, ela fugiu para se casar.

— E você, para ajudá-la, iria se condenar a viver sem amor pelo resto da vida.

— Eu estava com muito medo, mas não poderia me negar a ajudá-la. Agora meu tio nunca mais falará comigo.

— Você se esquece de quem será seu marido? Ele ficará muito satisfeito em me ter em sua família.

— Oh! Eu havia me esquecido! Você já tem uma esposa!

— Não foi só você quem guardou um segredo. Eu estou viúvo há dois anos. Não disse nada em público porque não queria ouvir comentários sobre o que foi nossa vida em comum, nem conselhos para que eu tornasse a me casar.

— Quer dizer que ninguém rezou por sua esposa?

— Eu estou certo de que ela está melhor no céu do que presa a uma cama.

— Eu soube que você se decepcionou porque lhe esconderam a verdade sobre o estado de saúde dela, antes de se casarem. E eu também menti e o decepcionei.

— Como nós dois erramos, portanto, precisamos pagar a penitência de sermos completamente felizes.

Ele tornou a abraçá-la.

— Nunca mais mentiremos um ao outro. Aliás, eu consigo ler seus pensamentos, assim como você lê os meus. Fomos feitos um para o outro.

Miriam fechou os olhos.

— Ainda não acredito que seja verdade. Acho que estou sonhando e que não quero acordar.

— Se você está sonhando, eu também estou.

Um beijo apaixonado os uniu.

Separaram-se apenas quando a carruagem parou diante de uma pequena igreja.

Miriam viu redes de pescadores presas ao teto e velas acesas no altar. Caminharam lentamente e se ajoelharam.

O padre, com suas vestes brancas, iniciou a cerimônia e abençoou o anel de diamantes que o duque tirou do bolso antes de colocá-lo no dedo de Miriam.

No momento da bênção final, Miriam sentiu a presença da mãe, que descera do céu especialmente para lhe dar sua bênção pessoal. Soube, então, que ela e o duque seriam tão felizes quanto sua mãe havia sido com seu pai.

Ao embarcarem, foram recepcionados pelo capitão.

— Quero que você seja o primeiro a saber. Milady e eu acabamos de nos casar. Dê ordens para que nos levem de volta às ilhas gregas. Nesta primeira noite quero que fiquemos ancorados junto à ilha de Delos.

— Meus sinceros votos de felicidades, Alteza.

— Obrigado — agradeceu o duque. — Diga a toda a tripulação que festejaremos esta noite com champanhe.

— Todos os homens farão questão de brindar à felicidade dos noivos.

O duque conduziu Miriam à cabine que ela havia ocupado anteriormente.

— Esta você usará como sua cabine de vestir. Mandarei que coloquem todas as suas roupas aqui. Agora, vamos até a outra cabine, que passaremos a dividir.

Miriam ficou deslumbrada com a quantidade de flores que a decoravam. Mais tarde, veio a saber que seu marido havia comprado todas as flores de uma floricultura e mandado que entregassem a bordo do Sereia.

— Como adivinhou que eu te amava? — Miriam perguntou tarde da noite.

— Eu te queria tanto. A cada vez que conversávamos, não podia suportar a espera de tornar a encontrá-la. Contava cada minuto.

— Mas pensava que eu fosse me casar com o príncipe.

— Foi uma agonia incrível até eu descobrir que você não era quem fingia ser. Cheguei a fazer um plano. Se você tivesse ido até o fim, eu diria ao príncipe que trouxera a noiva errada.

— E os russos tomariam posse de Saionga.

— Fomos salvos por um milagre. Quando poderia imaginar que Isabel, que estava com tanta raiva de mim por eu tê-la deixado, fosse se oferecer para tomar o seu lugar?

— Eu suspeitei de que ela houvesse significado algo para você — Miriam murmurou.

— Eu realmente tive outras mulheres, minha querida, mas nunca havia conhecido o verdadeiro amor até te conhecer.

— O amor de Apolo...

— O amor que senti foi tão grande que senti um medo terrível de te perder.

— E se isso houvesse acontecido?

— Eu nunca mais tornaria a me casar ciente de que havia perdido o paraíso que todos nós procuramos e que receamos nunca poder encontrar.

— Meu querido, você diz palavras tão bonitas. Eu também tive muito medo de te perder quando lhe contasse que havia mentido.

— Você acha que eu a teria desprezado?

— Seria bem merecido pelo que meu pai me ensinou. Mas você ainda não me disse como foi que descobriu.

— Por estranho que pareça eu tenho a bordo uma cópia antiga do Nobiliário de Debrett. Ele pertenceu a meu pai e eu o guardo com carinho. Nunca imaginei que um dia ele me fosse tão útil. Soube que seu pai era o irmão mais novo do atual conde e também o vigário de Littlegrove. E que ele tinha uma filha chamada Miriam.

— Vocês me ligou a ele por causa dos meus conhecimentos?

— Exatamente. Além disso, você vivia repetindo frases ditas por seu pai. Não havia dúvida. Seu tio Edward não é um homem culto.

— Você também é muito esperto e inteligente.

— Quando chegarmos em casa, eu gostaria que seu pai fosse morar conosco. Em minha propriedade também contamos com uma igreja muito bonita e com um colégio em anexo. Contratei professores experientes, alguns já aposentados, e pensei que seu pai poderia ser nosso diretor além de nosso vigário.

— Ele aceitará com prazer, tenho certeza. Nunca se deu muito bem com meu tio e se sentiria muito só naquela propriedade, agora que eu estou casada.

— Então está combinado! Após nossa lua-de-mel de um mês na Grécia, visitaremos seu pai.

— Uma lua-de-mel na Grécia!

— E poderia ser diferente?

Miriam abraçou impetuosamente o marido.

— Oh, querido! Só você poderia compreender o que sinto!

— Eu te compreendo porque você é minha esposa e logo seremos não mais duas pessoas, mas apenas uma, quando eu lhe ensinar o significado do amor completo.

— E o que eu mais desejo na vida porque te amo — Miriam sussurrou.

O duque sabia que a esposa estava sendo sincera. Ela não se importava com seu título. Ele o amava pelo que era.

Em seguida ele a beijou e ambos se sentiram transportados ao céu.

Miriam estava feliz.

Apolo lhe dera o amor.

BARBARA CARTLAND, a romancista romântica mais famosa do mundo, que também é historiadora, dramaturga, palestrista, oradora política e personalidade artística, já escreveu mais de 587 livros com vendagem superior a 600 milhões de cópias em todo o mundo.

Entre suas publicações encontramos, também, muitas obras históricas e quatro autobiografias, além de biografias de sua mãe e irmão, Ronald Cartland, que foi o primeiro membro do Parlamento Inglês a perecer durante a última Grande Guerra. O livro conta com um prefácio redigido por Sir Winston Churchill e acaba de ser lançado com uma introdução realizada pelo falecido Sir Arthur Bryant.

Amor ao Leme, um livro escrito com a colaboração e inspiração do finado conde Mountbatten de Burma, tio-avô de Sua Alteza Real, o príncipe de Gales, está sendo vendido em prol da Mountbatten Memorial Trust.

Barbara Cartland tem quebrado o recorde mundial durante os últimos dezoito anos, pela criação de uma média de vinte e três livros por ano. Consta no Guinness, o livro dos recordes, como a autora de maior vendagem no mundo.

Em 1978, Barbara Cartland gravou um álbum de canções românticas com a Orquestra Filarmônica Real.

Em sua vida particular, Barbara Cartland, que é uma Dama da Ordem de St. John de Jerusalém, presidente do conselho St. John de Hertfordshire, e deputada-presidente da Brigada de Ambulâncias St. John, luta continuamente pela melhoria de condições e salários das enfermeiras e atendentes.

Abraçou a causa aos idosos, em 1956, invocando o governo para a melhoria dos asilos.

Em 1962, conseguiu uma alteração na lei inglesa com respeito à população cigana. Isso significou a permissão de acampamentos em locais apropriados, e acima de tudo a possibilidade de instrução em escolas para milhares de crianças ciganas, que, no passado, eram impedidas de estudar, uma vez que as caravanas eram perseguidas pela polícia e obrigadas a se mudarem a cada vinte e quatro horas.

Existem, atualmente, catorze acampamentos na cidade de Hertfordshire, dos quais um, de origem romena, leva o nome de Barbaraville.

Seus projetos incluídos no livro Decorando com Amor estão sendo vendidos por todos os Estados Unidos. A Liga Nacional de Moda Doméstica a elegeu, em 1981, como "Mulher Empreendedora".

Seu livro Envelhecendo e Rejuvenescendo foi publicado na Grã-Bretanha e Estados Unidos, e seu quinto livro de culinária O Romance da Alimentação está sendo usado atualmente pela Casa dos Comuns.

Em 1984, ela recebeu no aeroporto Kennedy, o prêmio concedido pela Indústria da Aeronáutica Americana Bishop Wright, por sua contribuição ao desenvolvimento da aviação. Em 1931, foi ela e mais dois oficiais da Força Aérea Real que empreenderam a primeira postagem aérea.

Durante a guerra, em Bedfordshire, ela foi nomeada a oficial chefe do bem-estar, cuidando de 20 mil homens e mulheres a serviço da Inglaterra. Foi sua a ideia, nesse período, de se providenciar uma "loja" que alugasse vestidos de noiva para as noivas militares, reunindo cerca de mil vestidos de segunda mão.

Em 1945, Barbara Cartland recebeu o certificado de mérito concedido pelo Comando Oriental.

Em 1964, fundou a Associação Nacional de Saúde da qual ainda é presidente, e que funciona como uma frente para todos os estoques de remédios, bem como produtos da medicina alternativa. Isso significa um total de seiscentos milhões de libras em movimentação de mercadorias, sendo que um terço se refere à exportação.

Em janeiro de 1988, recebeu a medalha de Vermeil da vila de Paris (uma medalha de ouro), pela venda de 25 milhões de livros apenas na França.

Em março de 1988, foi convidada pelo governo da Índia a inaugurar uma das maiores clínicas de saúde do mundo, nos arredores de Délhi.

As fãs a receberam com grande entusiasmo, e a festejaram em uma recepção realizada por toda a cidade, onde consta uma placa gravada com seu próprio nome.

Barbara Cartland foi feita Dama da Ordem do Império Britânico, em 1991, por Sua Majestade a Rainha, pela sua contribuição à literatura e pelo seu trabalho pela comunidade.

Barbara Cartland é a autora do maior número de livros já publicados por um escritor inglês, ultrapassando os 564 livros escritos por John Creasey.

N- 367

NOS BRAÇOS DO PRÍNCIPE

Barbara Cartland

“Príncipe encantado!

E isso que espero do homem que me levará ao altar!”

Súcia, fugindo de um casamento indesejado, amarra uma corda na janela de seu quarto, com a intenção de cair em um dos canais da cidade. Mas, em vez de mergulhar nas águas escuras e frias cai nos braços do príncipe Nicolo de Vienz, que estava parado ali com sua gôndola.

O acaso do destino os faz embarcar em uma grande aventura pela Europa... e os faz viver uma desenfreada paixão!